

MENTE POLIMATA

ANNA FLAVIA RIBEIRO

Sobre a **Autora**

HEY DEAR!

Esse e-book é um passeio pela minha mente, ocasionalmente caótica, poucas vezes bem surpreendente. Serve mais pra você lembrar das vezes que conversamos - e se nunca conversamos, pra você ter vontade de fazer isso.

Eu sou simultaneamente business girl, gestora de equipes, filósofa, palestrante de peso e educadora, **that's me...**

Pesquisadora na área de criatividade humana, inovação e big trends. Temas contemporâneos é minha praia. Pesquisadora-chefe na área de criatividade humana, inovação e tendências em web 3.0. 20 anos como executiva e gestora em multinacionais de TI, com projetos na casa de centenas de milhões de dólares em cyber, digital, cloud, marketing, outsourcing e consultoria. Fundadora da Associação Polímata e da Tribo Polímata – coletivos que reúnem cerca de 660 profissionais multidisciplinares.

UM PROJETO DE VIDA E CARREIRA

Eu encontrei na polimatia a capacidade de desenvolver múltiplos conhecimentos simultaneamente. Uma ferramenta para uma vida feliz e produtiva. Um polimata tem a mente curiosa e inquieta, tem a criatividade turbinada e é capaz de gerar e operar insights relevantes. Como professora e consultora eu ensino pessoas e corporações a praticarem esse modelo de pensamento e ação. O resultado são seres pós-digitais, com conhecimento e autoconhecimento mais profundos, abrangentes e conectados e que entregam soluções úteis novas e adaptativas para si e para o mundo.

PRÉVIA DO QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR NESTE LIVRO

1

MINUTOS DE POLIMATIA
PORQUE EU ACREDITO QUE DA PRA SER FELIZ NA VIDA E NA CARREIRA

2

ALEATORIEDADES
É SOBRE ISSO

3

PEQUENOS PINGOS DE CULTURA
POR QUE A GENTE TEM QUE APRENDER ALGO TODO DIA

4

PENSAMENTOS MAIS DENSOS
PORQUE NO FUNDO É ISSO QUE EU SOU

POLÍMATAS

SABER MUITO, SOBRE MUITAS COISAS OU SOBRE SER O QUE O MUNDO PÓS-DIGITAL PRECISA

E se em um mundo Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo, se a gente pudesse ter mais emergência de líderes empoderadores, e não autoritários? Mais inventividade, mais pensamento crítico? Mais oportunidades para o desenvolvimento pessoal? Mais ações reflexivas transformadoras?

E se pudéssemos ter menos angústia nas escolhas de carreiras, mais oportunidades para o desenvolvimento pessoal, menos mesquinhez no pensamento e comportamento humano, menos maniqueísmo, menos simplismos e preconceitos e menos talento e energia pessoal desperdiçados em ações infrutíferas?

A gente pode. Essa é minha jornada de descoberta para a vida pessoal e profissional: sou uma polímata.

Todo ser humano é nativamente um ser capaz de aprender várias coisas simultaneamente – é da nossa natureza biológica e cultural dar conta de exercer suavemente múltiplas habilidades de troca com o que está ao nosso redor. Fomos moldados pela evolução assim, inclusive para que coletivamente aumentássemos a possibilidade de sobrevivência do grupo. E a criatividade já era exercitada por nossos tio-avós Sapiens de 70.000 anos de uma maneira tão ou mais intensa do que hoje. Aliás, a criatividade é, depois de tudo, o resultado novo e útil de uma combinação de elementos totalmente disparatados (Root-Bernstein) . É uma estratégia para localização e resolução de problemas.

Ter que arrumar recursos internos e externos para ter proteína 2 vezes na semana, tacar fogo em uma campina para escapar das feras, achar alívio pra dor de dente, ensinar as crias a escapar das mãos dos inimigos, domar um lobo, entender a correlação entre as estrelas e a época do ano ...era uma jornada básica de matemática, gramática, biologia, nutrição, química e física. Gente, fazer tudo isso pelado (ou no máximo com uma tanga) foi obra de uma espécie maravilhosa.
Pois isso é ser polímata – alguém que vai pela vida desenvolvendo conhecimento vasto, em múltiplas áreas. Com esse aprofundamento da postura de aprendizagem, o polímata obtém abrangência, profundidade e capacidade de conexão. E usa isso para o crescimento pessoal e para a geração de contribuições novas, surpreendentes e adaptativas para o mundo. Já dá pra imaginar o revolucionário que isso pode ser para as empresas.

Recuperar esse espirito, esmagado pelo imperativo da hiper-especialização, não é somente uma necessidade de sobrevivência dos negócios em tempos de mudança e inovação; é um caminho de se obter mais prazer e felicidade profissional. Abrir a mente é abrir caminhos.

Confrontando essa afirmação com o mundo do trabalho hoje, eu posso afirmar, sem medo de errar que ter múltiplos interesses, múltiplas aptidões, múltiplas competências e múltiplas contribuições criativas deixa de ser interessante para ser necessário. E a polimatia tem a vantagem de permitir esse desenvolvimento seja feito de forma simultânea, não sequencial.

Psiquicamente falando, entendo que o profissional pós-digital já incorporou certas premissas que o habilitam a iniciar essa jornada: esforço, entusiasmo, persistência, resiliência e fé em si e no grupo.

Algumas dicas para quem gostou da possibilidade:

- Abrace sua especialização, ela é essencial para lastrear sua abrangência.
- Abra o foco da ambidestria matricial. Ou seja, permita que pontos de vista conflitantes dialoguem na sua cabeça.

Escolha seus temas de interesse sem podar nada. Lembre-se que você não precisa ser um mestre em tudo mas vai precisar conhecer muito do que escolher.

A polimatia é para todos, não apenas para um seleto grupo de “gênios”.

Ela também pode ser uma maneira surpreendente de se colocar uma nova lente para a liderança. Um polímata na liderança é alguém que alcançou os requisitos necessários para ser lider; o fato dele/dela estar nessa posição pode ser também (até muito provável) porque ser assim o destacou dos demais.

Outra coisa que pode ser feita é exercer liderança polimática: aplicar, na organização de times e equipes e para encontrar solução de problemas complexos - principalmente aqueles com inovação - os conceitos polimáticos mais incríveis de ambidestria, abertura crítica, confiança, enfrentamento humilde com transdisciplinaridade e criatividade.

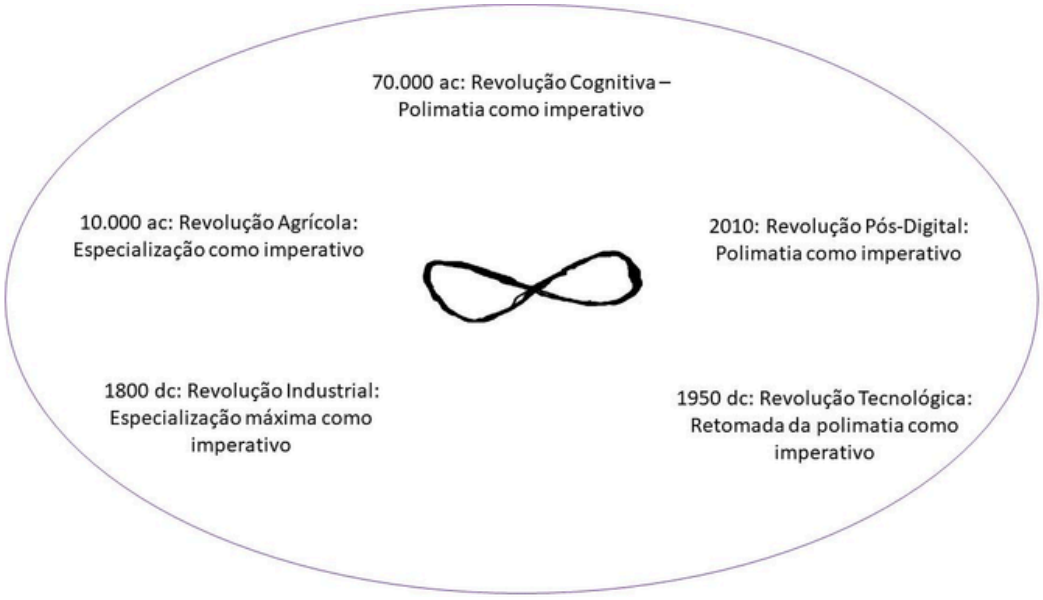
Ao fomentar isso na equipe, alternando a liderança de acordo com a necessidade de daquele segundo, pode-se criar um baita modelo de organização, capaz de responder ao VUCA e darwinianamente adaptado a esses tempos loucos e maravilhosos que vivemos. Finalizando

Lembre-se que o polímata não é líder. Está líder por 1 segundo.

Seja um polímata. As experiências, vivências e aprendizagens são o pilar base de quem está liderando por conhecimento.

Observe quem te cerca. Polímatas cercam-se de polímatas. O ego conta muito pouco quando a base da equipe é o conhecimento.

Espero que você se encante com as possibilidades e junte-se a nós.



O JOGO MUDOU...

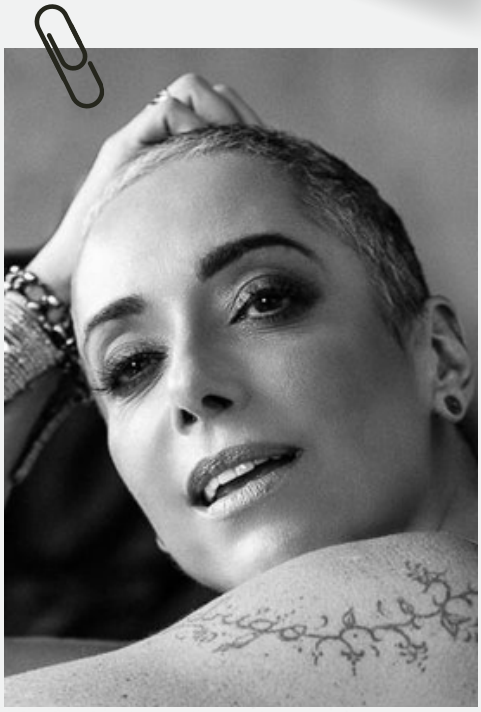
#ALEATORIEDADES



A inteligência humana é uma navalha a ser afiada sempre. Seu limite, assim como o da navalha, é biológico. A inteligência humana é Linear e Multifacetada.

Nos assustamos com o advento da IA por trazer uma inteligência grande em formação. Julgamos haver a possibilidade de substituição de uma espécie por outra; na IA a contenção física obedece a outra natureza. Exponencial e Monofacetada.

E se houvesse a percepção que a inteligência humana pudesse ser exponencialmente alavancada em vida e em grupo? E se essa inteligência grupal pudesse ser combinada em lideranças e projetos? E re-combinada em equipes mistas ? Diversas?



O bonito de ser polimata é saber que a diversidade é pré-requisito - duas ideias opostas dialogando e se ajustando na cabeça, todo o tempo.

Aceitamos a diversidade de visões como fator de fricção que produz ideias; e aceitamos a diversidade de pessoas como fator de enriquecimento de conhecimento.

Como não aceitar a IA como uma companheira que, como eu, é imperfeita e limitada, mas riquíssima de ideias? Se eu confio no meu poder gerador de idéias, estou tranquila.

#ALEATORIEDADES

Sobre AI e medo

Uma maneira de anularmos o medo que temos da AI poderia ser virando o ângulo, retirando justamente os fatores humanos de campo.

Quer ver uns exemplos de raciocínio?

- Moralmente, a AI deve ser muito mais justa, compassiva e equânime que o conjunto dos seres humanas, provavelmente porque será carregada com os valores dos grupos que a criaram e dos grupos com as quais interagirá. Isso deve dar a ela uma capacidade única de justaposição de visões distintas, complementares e conflitantes, da qual terá que extrair um balance lógico para tomada de decisões. Isaac Asimov escreveu uns 200 contos a esse respeito.

- Dados demonstram que o AlphaGo do Google mostrou os maiores níveis de brilho quando aprendeu sozinho a jogar sabendo apenas as regras do jogo, sem quaisquer pressupostos humanos iniciais. Ou seja, a AI oferece um universo inteiro de movimentos expansivos e estratégias que ainda não foram descobertas pela nossa inteligência humana.

- Imaginamos máquinas de um lado versus humanidade do outro. Mas isso está errado. São humanos juntos com a AI de um lado e a extinção da nossa espécie do outro.

Estamos jogando com AI CONTRA a morte.

ISSO NÃO DÁ VONTADE DE DESLIGAR A AMIGDALA DA TOMADA (ÓRGÃO DO MEDO) E CAIR NA FESTA?

EU SIM :)

#PENSAMENTOS MAIS DENSOS



CHINESES, A ÉTICA E A GENÉTICA

Muita gente acha que ciência tem a ver primariamente com grana para pesquisas. Quem investe mais conquista mais. Assim sendo, aumentar o investimento automaticamente refletiria mais qualidade e quantidade do que é produzido.

É uma visão tosca. Ciência tem a ver com fé e valores e com a cultura do país que as abriga. O que define o quanto a ciência avança é a capacidade de um grupo de pessoas - uma nação - de conjugar a coerência ética e por que não? religiosa, e que tenha alinhamento com os avanços que se deseja obter da ciência.

Hoje vemos a China disparando nesse campo; naturalmente atribuímos o fluxo imenso de dinheiro por eles posto na ciência exclusivamente como causa de seu incrível resultado.

Mas o porquê do descolamento chinês é muito mais complexo, assim como entender que esse é um mecanismo que veio para durar muito, muito tempo.

Depois da Guerra dos Boxers no século XIX (quando a Inglaterra do Império Britânico a fez dobrar de joelhos sob seus canhões) China sofreu por um século um imenso abalo psíquico. A convicção milenar, imperial e de fé de ser o centro do mundo foi posta em xeque; o país fechou-se, retrocedeu, quase se esfacelou sob Mao em sua tentativa transição para a modernidade. Entretanto conseguiu, sob Deng Xiaoping, retomar o rumo ao recombinar a força do Estado centralizado com certa forma de religião, reavivando a crença no destino manifesto chinês de ser líder do mundo.

Justamente porque as crenças chinesas (refletidas no tripé taoísmo em casa, confucionismo na rua e budismo na morte) servem melhor ao momento que a humanidade vive é que a ciência chinesa disparou. Eles construíram a tempestade perfeita, aquele momento em que tudo conflui para servir aos seus valores. Vou explicar porque abaixo.

1) A prevalência da moral sobre a metafísica: nós, ocidentais dos século XXI somos filhos espirituais de Sócrates, Platão e Aristóteles por um lado e do monoteísmo cristão-judaico-islâmico do outro. Isso significa que todo e qualquer ocidental que crê na democracia, liberdade e igualdade se digladia entre a razão pura e a ideia que o corpo é imperfeito e impuro. Para nós, a redenção é por um aprimoramento individual.

Acreditamos que existe, ainda que em um plano inatingível, a verdade única, o belo único, o bom e o bem maiores. Acreditamos que os indivíduos são todos iguais, ainda que uns sejam mais agraciados (tem mais dons) que outros. E muitos acreditam que acima de tudo há uma entidade espiritual que marca bem a diferença entre o humano e o divino.

Nossa ciência tem sido um reflexo disso. Questões como criatividade individual e mérito estão no cerne; mais ainda, ao criarmos sucessivas versões de humanidades possíveis (o animal racional e político, o homem como medida de todas as coisas, o ser social que tem inconsciente incontrolado), nossa ciência abriu a porteira para que a biologia nos diga que somos como os demais seres vivos (ou vice-versa); e que questões como gênero, identidade ou afins podem ser tartadas individualmente, como escolhas.

2) Já os orientais, especificamente os chineses, tem uma outra visão metafísica para a humanidade. Uma vasta porção é ateia, não crendo em dualismo como céu ou inferno; creem que viver é uma sucessiva possibilidade de melhorias e metafisicamente não há o que fazer. A questão é moral, fazer o certo aqui em vida para seus pares.

Isso leva o peso do que é comunitário na China ser imenso, bem como a preparação e purificação necessárias para assumir um cargo de liderança (seja no Partido, na escola ou na família). O peso é deslocado para a experiência e não para a essência de cada um. O mérito da criatividade individual é muito menor menor e o valor de cada um se dá na medida em que o benefício coletivo é aportado. O sofrimento, entendido como natural e não como algo a ser minimizado, é olhado diferente, o que abre a porta para a crueldade animal de uma maneira horrivelmente alegre e irresponsável - afinal se estão passando pelas piores torturas é porque é o carma deles, certo?

Isso posto, parece mais claro porque existe uma firme convicção de alguns estudiosos do tema que a liderança oriental veio para ficar. A maior parte das barreiras morais que implicaria em um maior controle das pesquisas simplesmente não faz sentido para eles. Tentar usar esse tipo de argumentação não ecoa no íntimo chinês e não traz à tona nenhum tipo de angústia moral.

Além disso, orientais entendem de escala; o que para nós é uma contingência relativamente nova, eles já a enfrentam há muito tempo. Controle, replicação, combinar uma centralização estratégica forte - hoje aplicada monumentalmente em pesquisa cientifica - com o aval do governo e regulação frouxa está fazendo o país explodir de patentes biológicas. E não, a qualidade chinesa está realmente mudando, pois sabem que se quiserem exportar serão escrutinados rigorosamente.

Clientes internos, que queiram submeter-se a testes, há em número mais que suficiente; acordos com cientistas ocidentais que estão impedidos por questões regulatórias e morais de seus países de origem, também. Dinheiro? Muito. Amarras morais? Poucas.

Contrariamente, nós ocidentais, estamos atualmente dilacerados pelo tema. Nos debatemos (certo ou errado, a frase não tem juízo de valor) entre a noção que estamos pecando contra uma moral humana (ao borrarmos os limites do que é ser humano) e contra uma moral divina (ao querermos ser deuses com criação de vida). Sofremos pelo peso do que estamos criando, duvidamos de nossa capacidade de repartir esse dom igualmente entre todos e oscilamos entre seguir (pois essa é a ciência, uma força instintiva imparável) ou parar e regular, trazendo a moral de nossos antepassados para dentro de uma área que não a possui por sua natureza.

Assim sendo, qual seria a opção para trazer mais controle e transparência ao tema? O bom e velho pragmatismo. Será provavelmente uma discussão pendular, onde por um lado muitos compradores ocidentais deverão buscar enlouquecidamente as soluções e terapias genéticas a qualquer custo (e fechando os olhos para o COMO foram obtidas) e muitos outros hesitarão em ceder, pensando nas implicações morais do tema. Governos tentarão intervir e regular, mas o bom e velho mercado negro encontrará por décadas um novo filão altissimamente lucrativo - afinal, quem não irá, em situação de desespero, apelar para todo o arsenal possível? ou viver mais tempo, mais belo e mais forte? Será um mercado infinitamente mais atrativo para o crime organizado.

Entre Ocidente e Oriente, parece que não haverá tão cedo uma razoável equidade de visão.

E até que um novo consenso seja atingido ou uma nova mudança biotecnológica assuma a prioridade na agenda humana, não tem jeito: a China veio para dar as cartas.

#ALEATORIEDADES

Sou uma profissional única. Todos os meus erros são só meus.

(erro = quando não há atingimento de um projeto pessoal; pode ser um outro corpo, abrir empresa, aumento de salário, passar no concurso, doação de um cãozinho a alguém, não importa.)

Também não importa, nesse contexto, se o erro foi causado por você ou por outros. Porque o erro foi incorporado ao resultado.

O desafio aqui é entender que o erro passa a ser parte integrante de quem você é, no minuto seguinte. E também que o erro faz de você uma pessoa singular.

O acerto é determinístico e uniformizador; ele é a única resposta possível (não existem sub-acertos ou outros acertos possíveis).



O erro é múltiplo, probabilístico e identitário.

Não estou advogando negligência, que é o desprezo pelo resultado do erro; nem maldade, que é a busca pelo errado.

Mas também não persigo mais o acerto. Não quero ser mais uma pessoa daquelas que acerta taaaaanto que é até errado, conhece? Aquele tipo que só coleciona acertos sucessivos. Essa pessoa tende a ser uniforme, borrada, indivisível.

Prefiro ser interessante. Estar certa somente dos meus erros.

Mas posso estar errada a esse respeito. ✌🏻😎



Minutos de polimatia:



Democratização do saber é importante.
Mas em termos práticos acabou com o argumento da autoridade.

Em uma reunião, não será mais ouvido aquele que sabe mais: será ouvido o que propuser que só se acredite no que se pode experimentar isolada ou coletivamente.

quem sabe e já experimentou se frustrará (desvalorizado); pois nem todos que experimentarão aprenderão...esse é um clássico dilema corporativo.

Em uma decisão entre dois opostos a quem o líder deve ouvir?
À experiência já vivida ou aquela que ainda está por ser vivida? Pois aqui é escolha e não consenso.

A verdade é filha do tempo passado ou futuro, gestores de inovação?

POLIMATIZE-SE

Super IA:

PORQUE JAMAIS VAMOS ENTENDÊ-LA OU EXPLICÁ-LA.

Depois de três dias de um fabuloso curso com Roman Yampolsky, um dos maiores feras do mundo em IA, não foi possível outra conclusão: nosso olhar de classe média para a questão (hora com paniquinho, hora com otimismo corporativo bobo e mesmo bravamente tentando o meio termo) será incapaz de lidar com o tema.
Não temos as ferramentas cognitivas necessárias no padrão evolucionário.

Para ajuda no entendimento da questão, te proponho que busque a resposta completa a duas perguntas complexas: 1) explique como você faz para reconhecer a expressão do rosto de alguém amado 2) dada uma condição caótica (uma tempestade em um bairro, por exemplo), enumere e pondere os pesos de todos os fatores que geraram este evento.

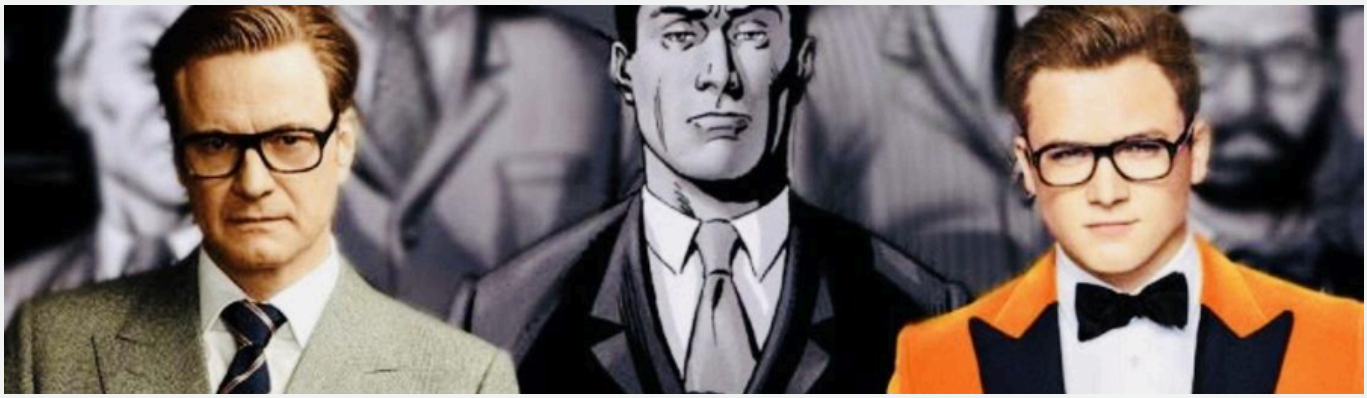
A resposta da primeira pergunta é inexplicável; a da segunda é incompreensível.

Se você pensar bem, quando mais explicável algo, menos compreensível tende a ser, e quanto mais compreensível, menos inexplicável.

Essa é a natureza dupla da Super IA.

Quando ela explicar suas decisões, não conseguiremos entender; e o que compreendermos de suas ações, não conseguiremos explicar.





Manners make the man.

Essa frase sensacional está numa ótima cena do filme Kingsman (o primeiro) e que antecede uma pancadaria monumental. É um clássico ditado inglês.

Ela expressa um tipo de aporte de conhecimento frontalmente desprezado hoje em dia pelos “inovadores”- mas que é fundamental na construção de camadas de inteligência.

Não se trata de hábitos pelos hábitos (isso é disfarce pra acomodação).
Mas de aprender que se VESTE cada um dos valores que conduzem a mais inteligência. Não é pra se aplicar isso só no round do pitch 😎.

A interação social é uma ferramenta poderosíssima de learning; e nela o foco não é você, é o outro.

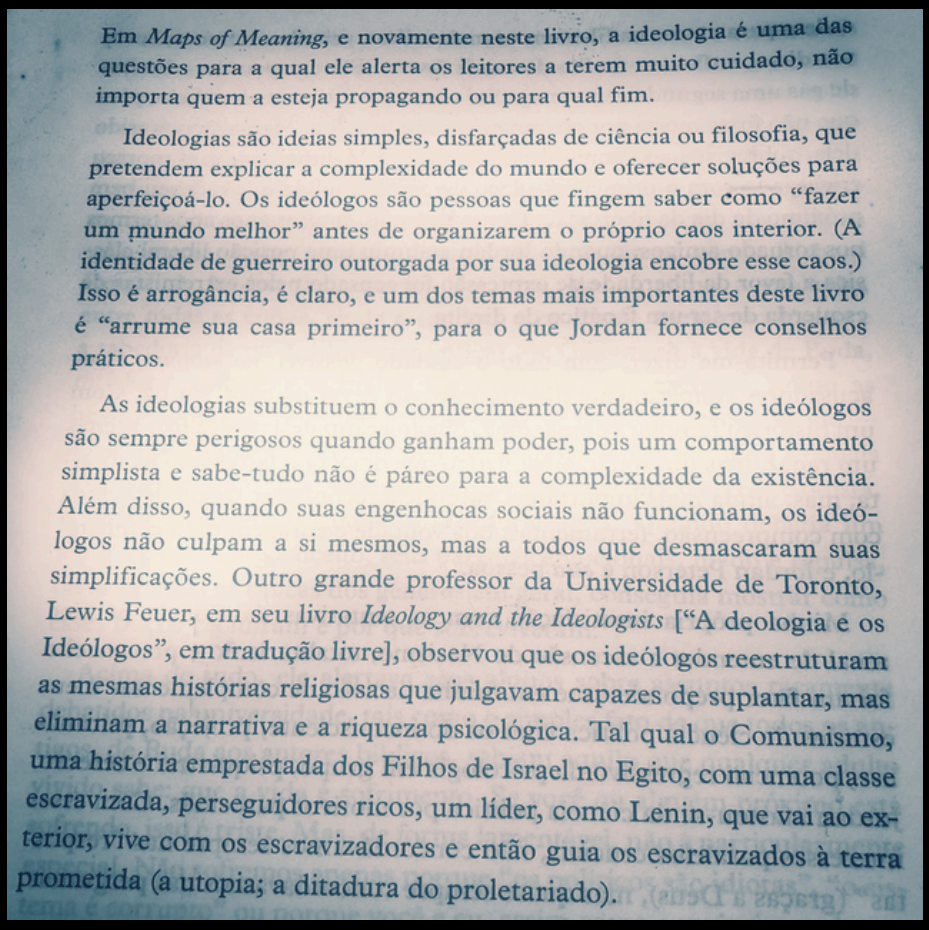
Os modos servem pra calibrar a entrada de informação, e merecem e precisam ser treinados.

Ouvir intensamente mesmo que a cabeça já tenha disparado além da cabeça do interlocutor; guardar silêncio (eu sofro); ter paciência pra saber quando cortar o papo que é redundante; achar que não sabe nunca o suficiente.

E pelo amor de Deus, parar de falar de si mesmo...

Alguns dos executivos de calibre mais alto que conheço têm tudo isso. Acho que por isso sabem o que sabem e também o que não sabem. Isso é válido do lado de quem fala, igualmente.

Modos e contenção: vestir a inteligência, controlar o ego e respeitar o tempo do outro.



Em *Maps of Meaning*, e novamente neste livro, a ideologia é uma das questões para a qual ele alerta os leitores a terem muito cuidado, não importa quem a esteja propagando ou para qual fim.

Ideologias são ideias simples, disfarçadas de ciência ou filosofia, que pretendem explicar a complexidade do mundo e oferecer soluções para aperfeiçoá-lo. Os ideólogos são pessoas que fingem saber como "fazer um mundo melhor" antes de organizarem o próprio caos interior. (A identidade de guerreiro outorgada por sua ideologia encobre esse caos.) Isso é arrogância, é claro, e um dos temas mais importantes deste livro é "arrume sua casa primeiro", para o que Jordan fornece conselhos práticos.

As ideologias substituem o conhecimento verdadeiro, e os ideólogos são sempre perigosos quando ganham poder, pois um comportamento simplista e sabe-tudo não é páreo para a complexidade da existência. Além disso, quando suas engenhocas sociais não funcionam, os ideólogos não culpam a si mesmos, mas a todos que desmascaram suas simplificações. Outro grande professor da Universidade de Toronto, Lewis Feuer, em seu livro *Ideology and the Ideologists* ["A deologia e os Ideólogos", em tradução livre], observou que os ideólogos reestruturam as mesmas histórias religiosas que julgavam capazes de suplantar, mas eliminam a narrativa e a riqueza psicológica. Tal qual o Comunismo, uma história emprestada dos Filhos de Israel no Egito, com uma classe escravizada, perseguidores ricos, um líder, como Lenin, que vai ao exterior, vive com os escravizadores e então guia os escravizados à terra prometida (a utopia; a ditadura do proletariado).

As ideologias substituem o conhecimento verdadeiro... são ideias simples - disfarçadas de ciência ou filosofia que pretendem explicar a complexidade do mundo e aperfeiçoá-lo.

Os ideólogos nunca arrumam sua casa primeiro, entretanto. E no fundo sempre resttuturam as mesmas histórias religiosas que julgavam suplantar. E são perigosos - pois nada é tão simplista como uma ideologia e nada é tão complexo como uma realidade.

Mercados, produtividade, maximização de resultados. Isso também é uma ideologia.

PINGOS DE CULTURA:

Star Trek Discovery é tudo o que Star Wars sempre prometeu e nunca entregou.



Acabo, emocionada, de ver a segunda temporada completa, no Brasil exibida pela Amazon.

Eu precisava conhecer os roteiristas. Porque só pode ser gente de outro mundo.

Fazia muito tempo que não se via em uma série de ficção-científica uma imaginação tão descomunal à frente, a serviço de contar uma história que ainda assim, é profundamente humana.

Os personagens são maravilhosos: cada um fala à um pedaço do nosso coração e da nossa mente. Impossível não identificar-se com suas vidas e dúvidas, tropeços e acertos, não importando se são humanos, bau'ls, andróides, vulcanos ou klingons. É uma tripulação maravilhosa, daquelas que dão vontade de pular na ponte da nave e dizer Me leva!

Mais ainda, os roteiristas conseguiram juntar um tema como saltos no tempo, complexo e peculiar, com um personagem IA fabuloso na busca pela sua consciência. Os diálogos não são menos que brilhantes - rola até Shakespeare no caminho - e é surpreendentes como tratam temas eternos como amor, família, perdas de um jeito delicado e contido. O heroísmo da Comandante Burham é sincero - assim como o amor entre todos eles.

O último episódio foi de uma beleza selvagem, de derrubar lágrimas de saudades.

SAUDAÇÕES VULCANAS. A TODOS.

Quem sabe muito sobre muita coisa tem seu traço biológico e outro que é ambiental dialogando entre si.

Costumam também ter uma criatividade monstro, preguiça zero e uma capacidade inconcebível de dar de ombros. Como D. Geralda:



D. GERALDA MORREU AOS 99 ANOS.

COSTURAVA.

TRICOTAVA.

ORDENHAVA A VACA.

CUIDAVA DO POMAR.

ENSINAVA CÁLCULO AOS MENINOS DA VILA.

NOMEAVA CONSTELAÇÕES À NOITE.

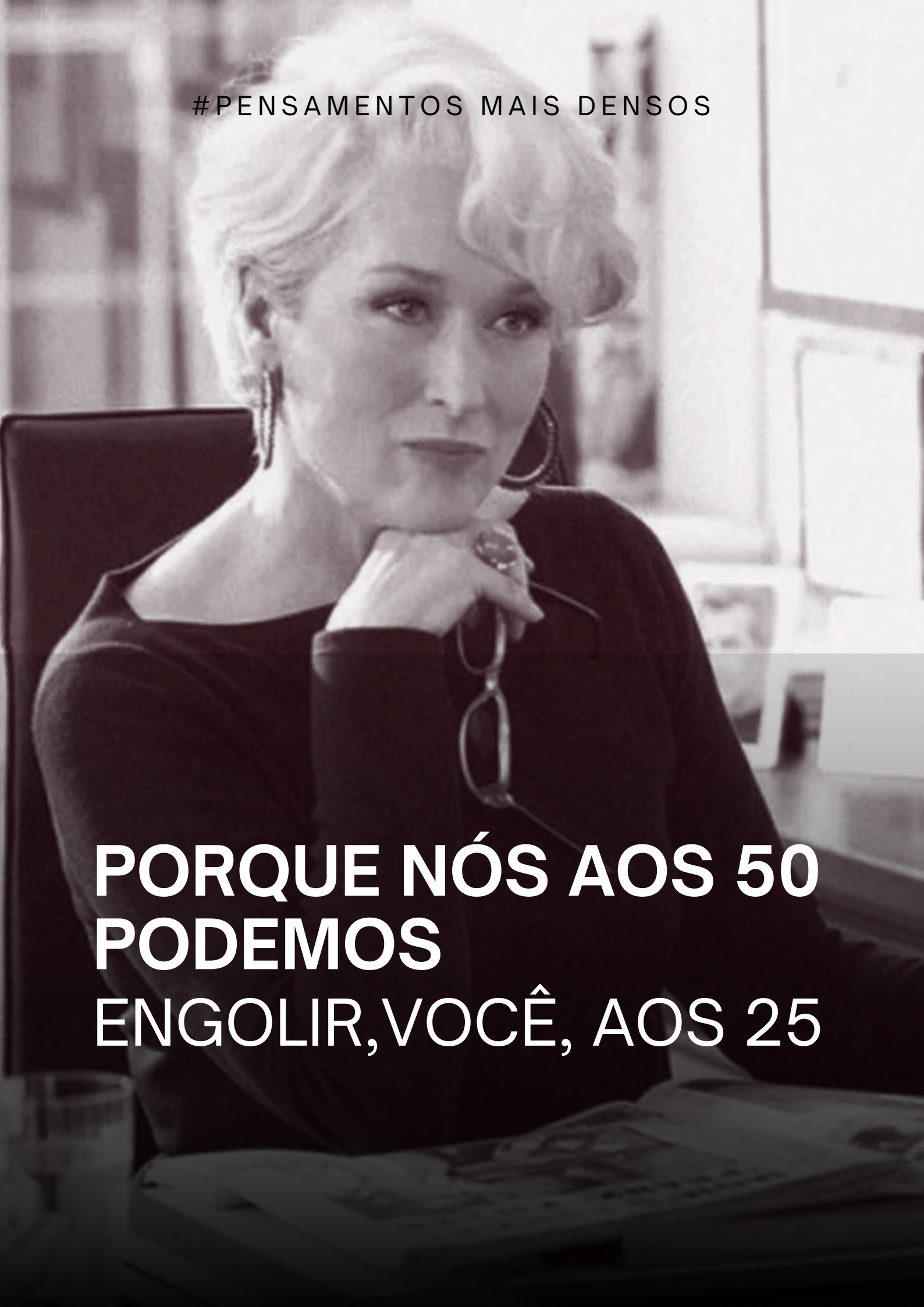
Metia a colher em brigas de casal, reconciliou e separou alguns.
Cuidava das finanças da família, emprestava grana quando alguém se estourava no cartão (e cobrava, que não era boba).
Fez um filho mega executivo e outro marceneiro.

Pelas nossas contas a mulher foi empreendedora, agricultora, veterinária, banqueira e bancária, CFO, professora, astrônoma, psicóloga.
Prolongou a vida (99 anos, cara...), fez terapias alternativas (chá de moringa aos montes), testou a maior parte do que falava. O que não sabia buscava.

Nessa crise de foco e referências de vida (e na do combustível também) ela daria risada. Aos 82 ela foi mexer com a ordenhadeira mecânica que dava problema. Aprendeu a arrumar a bomba. Adorava dizer que conhecimento não ocupa espaço.

Era abrangente, profunda e integrava.
É D. Geralda, a senhora estava certa: conhecimento não ocupa espaço. Mas enche uma vida.

Texto a quatro mãos com Wesllia Gonçalves



#PENSAMENTOS MAIS DENSOS

PORQUE NÓS AOS 50 PODEMOS ENGOLIR,VOCÊ, AOS 25

Ateísmo, preconceito e falta de domínio estatístico. Talvez você não queira enxergar que o mundo mudou mais do que simplesmente AI, biogenética e fintechs. Seus pais devem estar no meio do furacão da mudança, só você não percebeu.

Primeiro: esse não é um post de briga; mais bem uma constatação baseada em fatos, números checados e algumas perspectivas compartilhadas entre gente inteligente.

Segundo: aqueles que também forem jovens ligeiros , vão entender duas coisas: primeiro, estão deixando um CAMINHÃO de dinheiro em cima da mesa - muito mesmo. Segundo, eu só estou um pouquinho mais adiantada que o resto, mas em breve vai todo mundo perceber e aí o caminhão de dinheiro que podia ser seu vai virar no máximo um Uber X. Então, criança, presta atenção que ainda dá tempo.

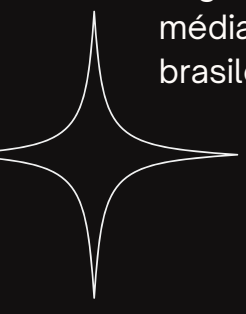
Terceiro: o que estou discorrendo não é uma afirmação de alguém apavorado com o envelhecimento e por isso se rebela - leia abaixo.

Vou deixar claro - acho cafonérrima e delirante a ideia de se esforçar muito pra viver depois dos 75 anos. Depois disso, a contribuição que se faz à sociedade em ideias potentes e atos é quase nula e o investimento (com honrosas exceções) exigido dos mais novos para a manutenção do meu puro bem-estar será aterrorizante. Não sei se é justo drenar dinheiro das crianças e da Amazônia para sustentar alguém que na melhor das hipóteses quer somente andar de Harley Davidson e ler. Não estou mesmo a fim de aumentar, mais do que o necessário, o ressentimento geracional que está se formando.

Dito isso, me restam mais 25 anos - exatamente a quantidade de tempo que você viveu. Vou criar, decidir e consumir. E aí o bicho vai pegar. Vamos aos fatos:

1) USA: 80% da renda americana - sim, você leu certinho - é controlada pelos maiores de 50 anos. A bagatela - em 2015 - de U$ 8 trilhões de dólares, segundo o MIT. A metade dos mais de 50 anos está on line e 63% usa smartphones. Ui.

2) Brasil: somos um pais péssimo de estatística (essa obsessão por Humanas nos empobrece intelectualmente), mas o que achei - 54 milhões de brasileiros tem mais de 50 anos; e população velha movimenta em torno de R$ 1,6 trilhão, segundo o Instituto Locomotiva. A renda média dos 50+ é de 40% acima da média nacional. Claro que temos aqui todas aquelas disparidades malucas brasileiras, mas o número está aí, na mesa.





Ok. Você começou a entender. Você precisa desenhar um novo produto financeiro bacanérrimo pro seu cliente interno mais velho; vai abrir um programa de inclusão alternativa super descolado de RH pros idosos; uma plataforma da terceira idade! ou tem que dar uma consultoria de UX e ur-gen-te e já está pensando em usar letras grandes, afinal seu pai é míope aos 55. Não amigo, o míope é você.

Suspiros. A ideia de passividade, fraqueza e dependência de cuidados dessa faixa etária é relativamente nova, data do século XIX; coincide com o aumento da expectativa de vida e a entrada em jogo das pensões por aposentadoria, que trouxeram a segunda imagem fake: se você não era frágil e carente, ah bom era um folgado consumista que só queria se aproveitar. Só que nenhuma desses conceitos é verdade de por si.

As pessoas são o que veem e também são o que lhes é dito que sejam. Muita gente de 50 anos comprou essa visão. Muitos acharam ok, mas muitos, um número cada vez maior, percebeu que não isso não era bom - trazendo a temida irrelevância e falta de propósito a reboque.

Há algumas décadas vêm se iniciando o movimento de saída dessa visão de fraqueza física/emocional e de férias perpetuas. E como essa galera tem - tchans! - poder e grana na mão, e está percebendo isso, aí que o problema começa.

Aos 25 anos, a sua ideia de libido (energia vital, anda a ver com sexo, pelamor) e potência está focada na juventude de idade (normal, eu também achava isso). Você, eu e a torcida do Corinthians achávamos isso e mais: frágil e dependente, velho gosta de coisa bege e fralda, alegremente identificando-se com imagem de vulnerabilidade grudada a ele.

Só que esqueceram de combinar com o outro lado. Você acha, de verdade mesmo que, por exemplo, uma mulher de 53 anos, que manda na família, se identifica com a) distintos senhores de cabelo branco na praia felizes olhando horizonte b) meninas na balada c) a família e a margarina no cafe da manhã. Ou será que não é d) NDA inventa outra?

Notou o descompasso cada vez maior entre as potências - a real e a percebida?

Ao se ver ainda forte, o pessoal de mais de 50 decidiu não largar o osso. Mais: como responsáveis pela construção prévia de tudo o que você conhece (quantos anos você acha que os fundadores do Google e da Amazon tem?) eles detêm não somente grana, mas conhecimento daqueles que só se acumula com vivência. Agora, estão pra completar adicionando o conhecimento sobre as inovações. A junção dos dois é matadora, acreditem, eu vivo isso day by day e convivo com pessoas que materializam essa dicotomia diariamente.

Isso me traz agora, aos paradoxos (estou respeitando sua sensibilidade, risos, paradoxos nada, isso são conflitos mesmo) :\

Claro que estão ávidos para te ouvir e aprender. Mas eles querem ser tratados como iguais, não numa relação de paternalismo besta. Eles pagam pesadamente para isso.

2) Tudo o que for humanamente possível fazer para ser produtivo (essa é a palavra-chave) e saudável, essa galera eventualmente vai fazer.

3) Depois que tiverem aprendido tudo o que você sabe, se não houver um tratamento de igual para igual, como fica? O que os maiores de 50 tem para te ensinar, ou você aprende ou quando você chegar aos 50 você vai tomar uma rasteira, sem moeda de troca, pois não terá o que ensinar.

4) Em algum momento, como serão maioria e as maiorias endinheiradas mandam, não tenham dúvidas que uma série de iniciativas focadas no bem-estar dessa galera virá à tona, sejam elas iniciativas de ordem regulatórias e sociais, sejam comportamentais e de mercado. Já estão vindo.

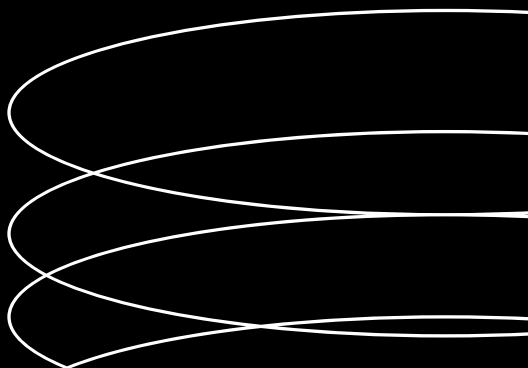
Pode ser que designers, gerentes, executivo, enfim sejam exigidos a PENSAR como alguém de mais de 50; e que o RH além de organizar a contratação "caridosa"de maiores, tenha realmente que mediar brigas geracionais ferozes - seria esperto se antecipar e ter equipes mistas. Claro que os mais jovens tem a seu lado a força da idade, im-ba-tí-vel. Mas terão que lidar com outras forças gigantes, igualmente complexas. Eu, se fosse um diretor de marketing de 48 anos ia enxergar isso. Tanto pros meus produtos como na minha equipe...

A ciência joga a favor da vida longa. Você, pessoinha de 25 anos, foi pega no meio dessa mudança incrível (pra mim, que tenho a sorte de vivê-la). Sugestão: saia do estereótipo. Analise seu viés.

Quem, de verdade, saiu beneficiado pela criação das mensagens de texto? (dica, tem 55 anos e é míope, ah já sei, seu pai com grana). Olhe a seu redor. Pegue um metrô. Entre numa fila de mercado. Olhe as vitrines - real. O que você vê? Quem você vê?

Negar essa verdade - seremos uma sociedade onde os mais velhos terão muito poder - e não lidar com isso, por mais chato que seja, só vai tornar a sua jornada mais complexa. As pessoas de 50+ não são um problema a serem resolvido e se você acha isso... bom cara, cuidado. Nesse novo mundo, o problema pode ser você.

Cheers.



ESTE É O TIPO DE PALESTRA QUE GOSTO DE DAR



#Momentos

A maior felicidade pra quem dá aula é ser mais um na multidão. Ver que as ideias fluem pra tudo que é lado.

Aulão 21 Lições do Século 21.

Obrigado aos estudantes de Harari por me darem a chance de falar e ouvir. Tanta pergunta inteligente junta é um privilégio.

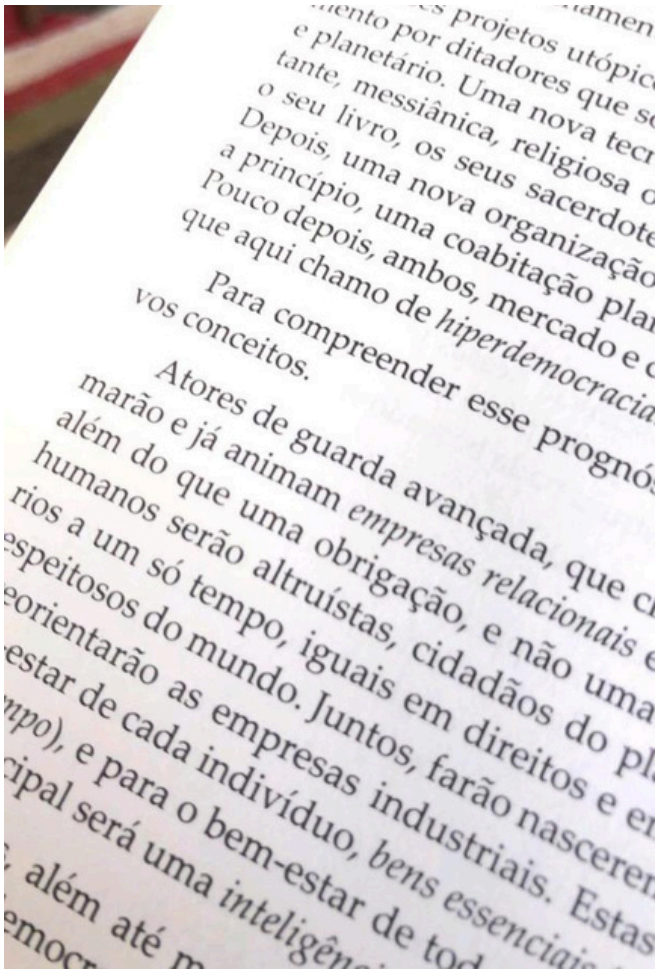
Minutos de Polimatia

Transformação.
Em um mundo onde nos tornamos cada vez mais transhumanos - alterados e reconstituídos por tecnologias (desde lente de contato a sensores e marca-passo), as empresas começam a mutação: de capitalistas passam a ser relacionais.

Parece loucura mas não é para uma empresa relacional o lucro é uma obrigação, não uma finalidade.

Essa diferença sutil implica em um mudança cultural e valorosa (de valores, mesmo).

Não é à toa que essas empresas são as que melhor abrigam e se comunicam com os tran-humanos, seres misturados, indefiníveis, nômades digitais e sedentários físicos, multi e a-gêneros que surgem já/agora.



Empresa relacionais não fazem nem vendem produtos e sim bens essenciais para o bem-estar da vida. Comercializam afetos, saúdes, bem comum, direitos e deveres e o maior e principal bem essencial de hoje: tempo.

Tudo o que nos dá tempo para aproveitar o tempo é urgente e necessário.

Esse novo mercado - porque o mercado venceu, não se enganem - vai até promover a longo prazo uma autofagia. E aí sim, perder para voltar a vencer.

Somos hiperconectados, ultradesfocados, em mutação sociológica impar.
Estamos descontruindo e reconstruindo hiperimpérios digitais, pilotados por classes criativas.

#ALEATORIEDADES

LIDERANÇA POLIMÁTICA

POLÍMATAS NA LIDERANÇA

Um polímata é alguém que alcançou os requisitos necessários para ser assim: profundidade, abrangência e integração de vários campos do conhecimento.

Outra coisa é exercer liderança polimática, que é aplicar esse jeito de ser na organização de times e equipes, geralmente para encontrar solução de problemas complexos - principalmente aqueles com inovação. É usar os conceitos polimáticos mais incríveis de ambidestria, abertura crítica, empatia por conhecimento, confiança, enfrentamento humilde com transdisciplinaridade e criatividade.

Basicamente um treinamento pra ser Buda hahaha.

Uma liderança polimática deve fomentar isso na equipe. Isso permite inclusive alternar a liderança de acordo com a necessidade de daquele segundo, e criar um baita modelo de organização, capaz de responder ao VUCA/BANI.

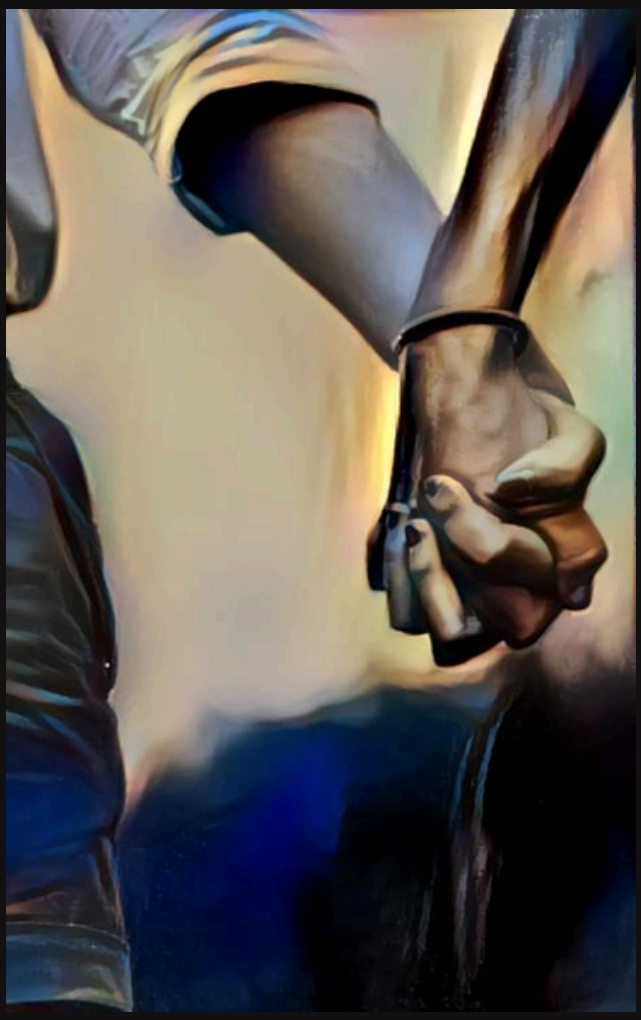
É estar darwinianamente adaptado a esses tempos loucos e maravilhosos que vivemos.



Cada vez que escolhemos algo, abrimos mão das outras possibilidades alternativas.

Isso é um fato.

E isso dói, principalmente em um mundo onde todos queremos tudo- na carreira, no amor, na família. E não ter todas as alternativas de futuro possíveis? ah não... batemos o pé como crianças birrentas. Queremos e marretamos, e nessa batalha construímos e destruímos muito. O que temos e o que teríamos.



E se a alternativa escolhida nos leva a um beco? Não use a palavra fracasso, porque isso é sobre um e não sobre dois - sem dois não é possível falar de sucesso ou fracasso.

Voltando ao beco, quando não achamos a saída, recorremos à ilusão de alternativas. Só que alternativas são sempre de escolhas passadas (portanto já impossíveis) ou de escolhas futuras - que também matarão todas as alternativas possíveis - já que escolheremos só UM caminho para percorrer.

Como resolver esse paradoxo? Como ter o melhor futuro possível? Só vejo um jeito, que é matar toda a visão de futuro possível. Isso mesmo: matar o futuro é a garantia de um belíssimo amanhã; é viver com alegria, respeito e sabedoria o melhor agora possível.

A fé cega no hoje traz um futuro melhor - hoje também.

PS: AOS MEUS AMIGOS DE ALMAS ESPECIAIS, VOCÊS SABEM QUEM SÃO.

A VIDA É ERRO.

Se a natureza vem tentando e errando há uns bons 10 bilhões de anos e se ela incorporou o erro como a melhor metodologia possível de evolução para tudo, quem sou eu pra discordar?

Me dá uma preguiiiiiiiça monumental gente que vende as coisas no plano do erro zero, metodologia de menos erro, como ser mais assertivo, “erre menos, controle mais”.

É de uma burrice ímpar acreditar que se pode dominar o princípio imprescindível à nossa mera existência. Projetos falham, pessoas falham, a vida falha.

Isso não significa que não se deva buscar uma dimensão da clareza, conhecimento, capacidade de discernimento, abrangência, profundidade. O conhecimento é o que nos faz balançar na ponta do abismo, mas sem cair no caos.

E tudo bem se ao mesmo tempo em que sofremos com nossa propensão ao erro, admitimos que seria impossível viver sem cometê-los a cada 2 segundos, mais ou menos.

Nossos acertos são todos iguais. Nossos erros é que nos fazem únicos.



#ALEATORIEDADES

META-RACIONALIDADE

RAZÃO E EMOÇÃO EM UMA TOMADA DE DECISÃO.

Sou péssima tomando decisões. Sou daquelas de quando tem que ultrapassar um carro escolhem a pior manobra.
Dou a bronca certa na hora errada.
Minhas decorações são sempre esquisitas. Nada combina muito.

Invejo aqueles que escolhem sem dor, impávidos colossos que navegam tranquilos.

Pro meu consolo a ciência está estudando a ideia de entender o processo de tomada de decisões como sendo uma mescla de nossa racionalidade com a intuição - que preenche as lacunas da percepção que a racionalidade não cobre.

Nos anos 70, Kahneman e Tversky, mostraram que seres humanos não tomam decisões racionais baseadas em resultados, mas sim em termos de ganhos e perdas usando chaves mentais que dão em escolhas sub-ótimas.

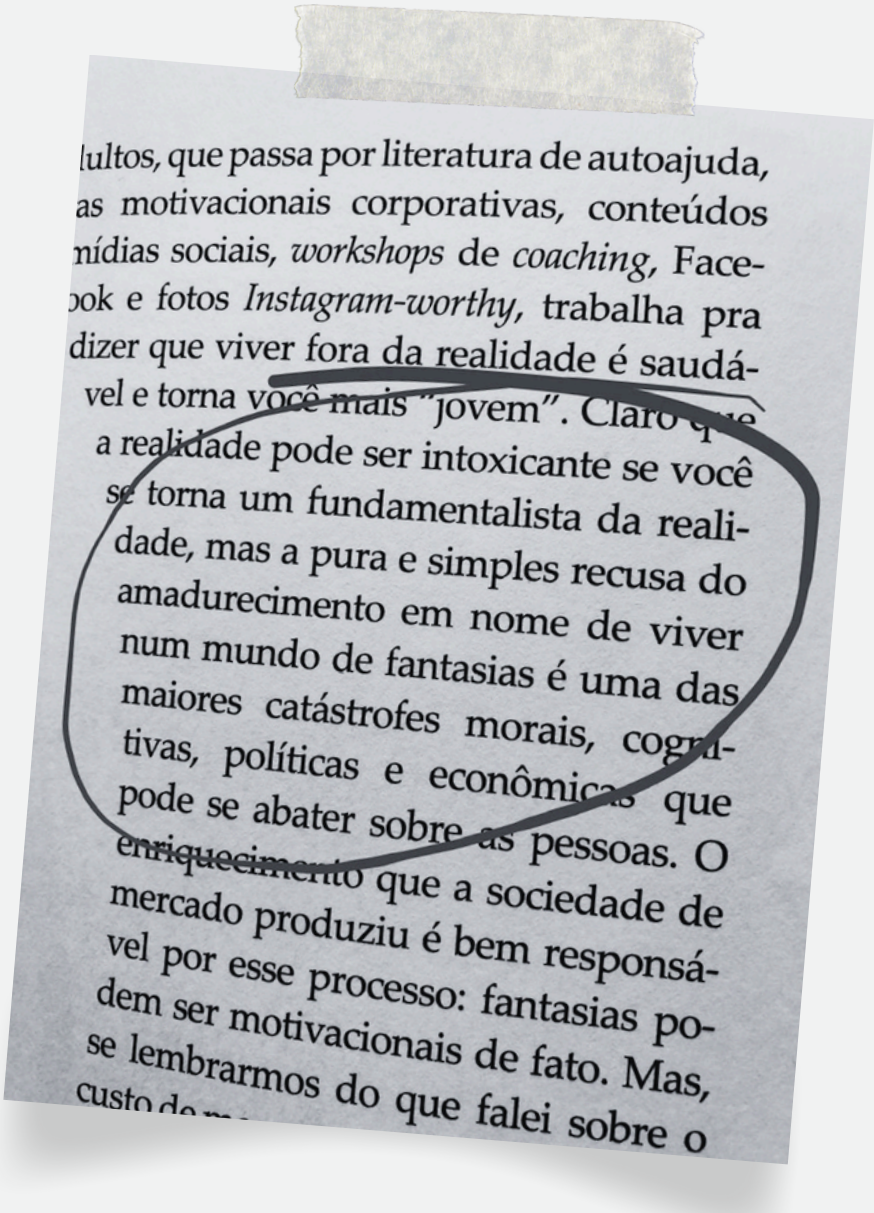
Agora, a psicologa Lisa F. Barret argumenta que emoções treinadas nos fornecem informações rápidas e condensadas sobre nosso ambiente, para que possamos descobrir uma rota de ação ideal.

Ou seja: o casamento do sentido e da razão podem nos dar uma vantagem enorme no universo. A aparente irracionalidade de um sistema emocional bem ajustado, no contexto certo, pode preencher lacunas que a razão perde.



VOU TENTAR ULTRAPASSAR LEMBRANDO DISSO.

FUTURISMO ADOLECENTE


lultos, que passa por literatura de autoajuda,
as motivacionais corporativas, conteúdos
mídias sociais, *workshops* de *coaching*, Face-
ook e fotos *Instagram-worthy*, trabalha pra
dizer que viver fora da realidade é saudá-
vel e torna você mais "jovem". Claro q
a realidade pode ser intoxicante se você
se torna um fundamentalista da reali-
dade, mas a pura e simples recusa do
amadurecimento em nome de viver
num mundo de fantasias é uma das
maiores catástrofes morais, cogni-
tivas, políticas e econômicas que
pode se abater sobre as pessoas. O
enriquecimento que a sociedade de
mercado produziu é bem responsá-
vel por esse processo: fantasias po-
dem ser motivacionais de fato. Mas,
se lembrarmos do que falei sobre o
custo de

Sem saber o que fazer com o presente, muita gente corre para o futuro. E aí chegando lá, percebe que é igual ao hoje: insatisfatório.

Essa visão distorcida não brota do nada em alguém. O bombardeio de inputs na cabeça de qualquer um é intenso; e a cada momento tromba-se com matérias, opiniões, pesquisas e posts em redes sociais que gritam: "irrelevância, reinvenção, futuro já - e by the way compra meu curso/palestra/discurso/produto".

A pessoa, assustada com a liquidez de um mundo que se desmancha, não usa as únicas ferramentas que sempre são norte do que fazer: sua mente e corpo. Procura nos outros, em gurus corporativos e profetas, o #conhecimento pra ver se sai da paralisia (que ela mesmo se enfiou), um troço ansioso, meio histérico.

Talvez a pessoa caia na fantasia que o mundo #futuro do futurista é que é feliz, pleno. Aí, pensar, se esforçar pra completar as lacunas por si mesmo, experimentar para montar sua grade de conhecimentos futuros, não serve. Não "exponencializa, não conecta pois não é junto com o outro".. afff.

O repertório é eterno e igual nos dois tempos, coletivo, mas a construção é individual, dá trabalho sem nenhuma garantia de felicidade. Talvez de prazer e serenidade, em algum momento do trajeto.

É a isso que se chama maturidade.

Pequenas grandes questões pós-digitais

CONVERSA A TRÊS, HOJE:

- Então tá, vamos fazer um conf call às quatro da tarde. Manda um invite.
- pelo Whatsapp?
- Vamos pelo appear.in
- Não funciona. Hangouts?
- Google Meets mesmo, então.
- Ai - tá dando conflito de conta com meu hotmail - peraí. Pronto: Mandei um Microsoft Teams.
- Xi. Esse não vai no meu Mac. Tem certeza que não quer usar um Hangouts?
- Não!
- Tá bom - tô baixando o aplicativo no celular.. pronto.
- liga o áudio!
- Ué? Mas não configura direto? Aí, não o Gmail bloqueou.
- tentamos o Skype. Ou Zoom?
- Qualquer um, qualquer um pelo amor de Deus.
- Tá, pronto foi! Todo mundo conectadíssimo - bora combinar o que fazer.

(10 minutos de conversa depois..)

- Decidido, é isso. vamos gravar já.
- agora?
- é, now.
- Vixe. função rec só no outro. Tem que usar o Microsoft Teams. Sai todo mundo e conecta de novo...

Tem que ter um jeito mais fácil, suspiros.

Eu ia sugerir o intercomunicador do Star Trek mas diz que não roda no Android.



#ALEATORIEDADES

Alice no País das Maravilhas



Em Alice no País das Maravilhas, a Rainha de Copas diz a Alice: “no meu reino, você precisa correr o mais rápido possível apenas para ficar no mesmo lugar”.

A natureza é assim. Alice é a encarnação da cultura humana, lutando para escapar e arrancar as pessoas das garras da seleção natural, implacável. Tão vital quanto a Rainha de Copas, vermelha, sanguínea e uma força imensa, que segue as regras da criação.

A Rainha de Copas e Alice sabem, nessa dança imortal e infinita, que ninguém que fica parado consegue triunfar, não importando a lentidão do movimento em si. Às vezes, essa dinâmica é imperceptível e quase como um músculo tensionando , invisível ao olho sob a pele.

A combinação do êxito na natureza - a conquista da aptidão, seja lá para o legado que for, passa pelo atributo externo e interno; o organismo, o ser, ajusta sua resposta, que necessariamente se molda à demanda natural externa.

Mas não existem coisas estáticas e imutáveis na natureza. Não há a linearidade, a progressão continuada à “melhoria contínua “ e ao “êxito”; no fundo, no fundo, é só fazer naquele momento o melhor possível, sem ilusão nenhuma que se está controlando o jogo, torcendo pro acaso se meter o menos possível.

Ah sim - e rezar para Rainha de Copas resolver não baixar a espada naquela hora.😎

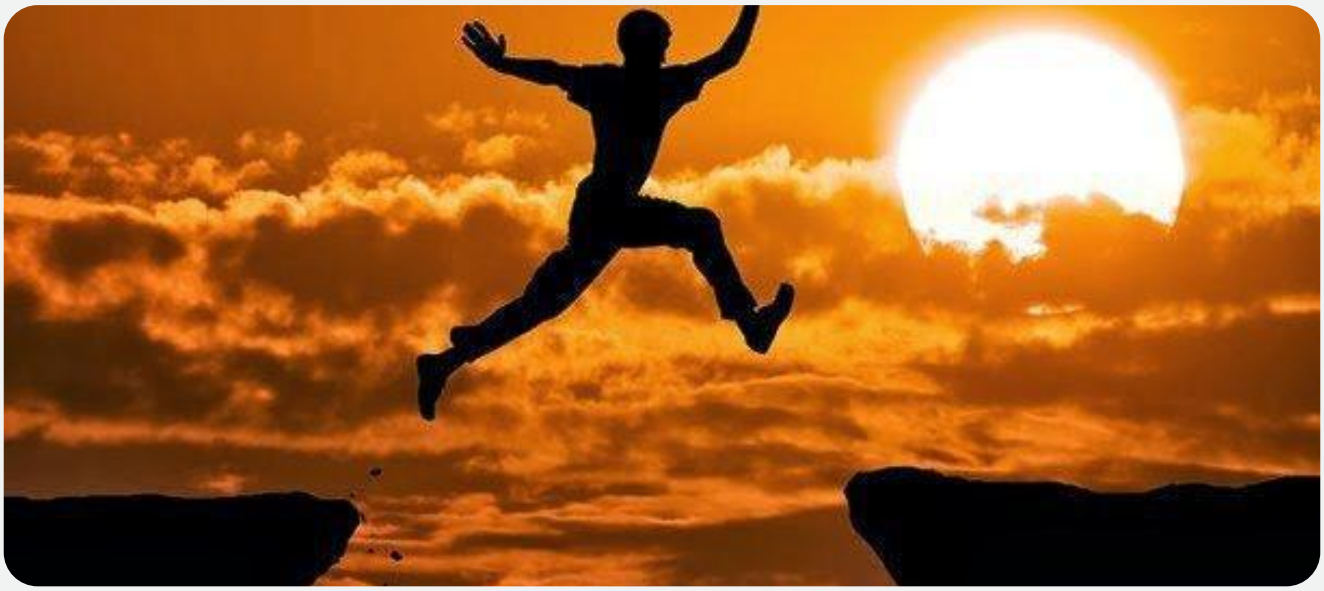
Polímatas normalmente são MUITO CORAJOSOS.

O risco como propósito de vida tem sido sistemáticamente excluído de nossa sociedade.

Morrer é feio e errado, então arriscar-se tornou-se moralmente condenável, sob a confortável capa de que estamos protegendo a nós e ao outro. Entretanto...

Por que admiramos tanto aqueles que se sacrificam por uma causa maior?

Talvez porque intuitivamente captemos que essas pessoas sabem que não fazer isso é viver uma morte em vida. Uma vida sem risco não traz conhecimento nem sabedoria e talvez não valha ser vivida.



Um substituto para isso que muita gente encontra é ser corajoso nas idéias. As idéias suficientemente fortes ou transgressoras podem demorar muito tempo para encontrarem eco em outras pessoas, e assumi-las poderia significar longa renúncia, sacrifício e fé. Todas as características que amamos profundamente em nossos heróis, pois nos dão sentido e propósito.

Talvez você esteja em um desses momentos, onde sua paixão seja o reflexo de sua coragem. Isso é incrivelmente importante, acredite.



#PENSAMENTOS MAIS DENSOS

POR QUE NAS EMPRESAS OS BONS RARAMENTE GANHAM AS DISCUSSÕES?

Falo de gente boa e honesta mesmo (não os consultores picaretas de plantão), pessoas sinceramente empenhadas em fazer da vida do outro nas empresas e na sociedade um lugar melhor - e não a própria.

Vamos definir gente boa e honesta.

Aquele que coloca o outro antes de si, antes do seu próprio ego ou vaidade. Não consigo achar definição melhor, em qualquer religião, filosofia ou teoria administrativa. Mas aceito a sua.

Ok. Essa gente hoje, nas reuniões da empresa, de briefing, de estratégia, de RH, me conta que está tropeçando em uma nova muralha, quase intransponível: o conceito do "eu penso assim, mas pode ser só pela minha bolha".

Uma variante dela, geralmente acompanhada de um pouco de desdem disfarçado é "você pensa assim, mas pode ser só pela sua bolha". Quem nunca ouviu isso, como uma espécie de saudação ritual que avisa que terminou a decisão de tomar uma decisão?

Funciona mais ou menos assim: alguém (geralmente uma boa pessoa, pois são sempre as mais sacrificáveis) puxa por algo particularmente difícil de ser decidido. Pode ser por exemplo escolher uma unidade para fechar; uma equipe pra desmantelar; um bônus para dividir; um candidato para apoiar. Implicará necessariamente em uma decisão que desfavoreça uma parte.

Discussão vai, discussão vem. As pessoas boas se desesperam porque sabem que dali nada vai sair; a coisa está escorregando. Até que bum! - alguém solta a pérola aí de cima, em qualquer das suas variantes: "eu penso assim, mas pode ser só pela minha bolha".

Em outras palavras: "não enxergarei como você, mas pelo menos enxergo que não enxergo, olha como sou tolerante". :/

As pessoas boas afundam a cabeça nas mãos. Porque dali já não se tirará nenhuma evolução de pensamento. O autor da desculpa da bolha usou a justificativa mais moderna possível de superioridade moral para travar o debate, impedir a discussão e se manter fora de uma possível confrontação de verdades.

O foco da discussão deixa de ser escolher o melhor para questionar a existência do melhor.

Toda e qualquer posição em um grupo é igualmente válida, por consequente verdadeira. O meu pensamento vale tanto quanto o seu, desde que estejamos pareados no poder de influir naquela decisão. Não existe mais o melhor absoluto.
Parêntesis: por décadas as pessoas, dentro das escolas de negócio, usaram termos distintos para justificar suas decisões - tanto para si quanto para os demais.

Poderiam ser coisas como:

• eu/nós tomamos uma decisão racional;
• eu/nós tomamos uma decisão lógica;
• eu/nós tomamos uma decisão coletiva;
• eu/nós tomamos uma decisão em prol do bem do acionista;
• eu/nós tomamos uma decisão intuitiva;
e por aí vai.

E por décadas as empresas gastam fortunas em treinamento para que os termos usados se transformem em crenças coletivas, tornando o pensamento conjunto mais moldável e seguro para todos.

Esse sistema de crenças poderia não ser o mais correto ou inteligente ou esperto, mas curiosamente fazia com que alguém escolhesse algo. Muita gente era forçada a sair da inação, fosse pelo motivo que fosse.

O problema é acreditarmos que crenças não são questionáveis. Até mesmo para tomar a decisão na empresa, não queremos ser tirados do conforto psíquico. Machuca. Normalmente odiamos quem faz isso, quem nos obriga a mover esse músculo mental.

Com a ascensão da ideia e poder do relativo como um valor mais importante que o absoluto, as crenças ganharam uma importância desmesurada na vida corporativa. E o pior, o destreino do pensamento está hoje justificado pelo argumento de respeito ao pensamento alheio - que se converte em 90% das vezes na maldita bolha.

E tem como furar essa bolha? Tem, mas talvez não seja como você ache.

Furar a bolha alheia é algo que só gente boa consegue.

Ela implica em honestidade extrema consigo mesmo, com coragem para reerguer uma escala moral que assumirá que existem coisas, pessoas, decisões melhores que outros sempre. Os valores que compõe essa escala de valores tem que ser sólidos o suficiente para resistir ao bombardeio individual - são elos de uma corrente. Nenhum pode romper.

As pessoas boas hoje são bombardeadas sem dó, corporativamente falando, pelos covardes porque escolher implica em sustentar ideias contra os poderosos muitas vezes e pelos fracos que não hesitam em corroer a moralidade pois não tem valor pessoal pra assumir esse fardo.

Furar a bolha alheia pode ser um ato de extremo sacrifício; as pessoas boas que fazem isso geralmente se tornam meio que detestadas, pois rompem a crença pessoal de quem

Outro dia ouvi uma frase que me doeu, depois de uma conversa de trabalho, onde tratávamos de demolir um conceito absurdo de alguém que estava na sua bolha. Uma pessoa que parecia boa disse: "ah, não vou tomar posição porque isso é mais do ego do que da verdadeira mensagem". Era um tema bobo, mas era moralmente errado não se posicionar sobre ele. As duas bolhas seguiram, paralelas e felizes, e o problema e suas consequências ruins continuaram, também.

E por que com essa carga enorme de sacrifício e resultados que quase nunca vem, os furadores de bolhas continuam existindo e se esforçando, nas empresas e na vida? Por que não desistem?

Suspeito que seja porque eles são a prova viva do que advogam: porque são melhores que o resto de nós. Porque sua moral é superior. Porque seus valores são mais sólidos.
E porque sabendo que existem sim, o certo e o errado, eles não podem deixar de tentar achar e mostrar para nós. É sua missão, é disso que eles são feitos.

Abraços.



O Dilema da Melhoria Individual: Altruísmo ou Egoísmo?

Melhorar o Sistema Operacional Humano (os três com maiúsculas mesmo) é uma opção viável, moral e eticamente?
Me deparo constantemente em textos e discursos afirmando alegremente que podemos e devemos ser melhores (no sentido da bondade e não da produtividade per si, ok?). Que esse é um objetivo nobre, talvez o proximo espectro evolutivo que nos toca.

Se essa premissa for verdade, o problema é como nuancear o conceito Melhor.
O que é Melhorar?

Exemplo:
Nos fazem Melhores ou Piores pessoas investimentos pessoais em drogas de aumento cognitivo, lícitas ou ilícitas?
Não focando na ilicitude do ato em si mas na aquisição de algo (aprender mais e mais profundo) que em teoria vai beneficiar a outro também, refletir em um melhor resultado na rede - seja um trabalho de equipe complexo, um espírito de liderança mais afiado, uma apresentação matadora e inspiradora a um grupo.
Seria essa uma Melhoria de Sistema Operacional Humano que se justificaria baseada em um resultado coletivo que em tese, só em tese, acompanharia uma exponenciação individual? Ou o que obtemos na resposta coletiva vem a reboque do increase individual, esse movido por razões do ego?

O contraditório dessa questão me mata. Não sei se é egoísmo ou bondade.



#ALEATORIEDADES

#ALEATORIEDADES

LIDERANÇA PARA MILLENNIALS

Liderança para millenials: dá pra imaginar hoje um troço mais água e óleo (pra não dizer cafona)?
Gente, vamos lá. Se é verdade que estamos frente a uma geração que tem cravada no seu DNA o gene da mutação comportamental, blablá de "liderança inspiracional" (eca em dobro) isso não faz sentido.
Se os criamos para serem inconformistas, exponenciais, livre-pensantes, curiosos, altruístas, achando que tem amor e recurso pra todo mundo , eles realmente precisam de alguém que lhes buzine como fazer?

Ei, não tô falando de educação - tarefa de pai e mãe; também não se trata de ser psicólogo de barbudinho folgado de 20 anos. Mas esses meninos e meninas cresceram tendo acesso ao pior e melhor do ser humano em escalas inimaginãveis (You Tube et caterva); viram e ouviram em 10 anos tudo o que há de bizarro e legal de outra pessoa. Então como fazer com eles no trabalho?

Na verdade, não fazer, acho. Esquecer MESMO que existe esse papo de líder. Sabe aquela honestidade brutal que achamos que só nossos pares de couro mais lixado aguentam?

Praticar 365 dias por ano com eles. Aquelas conversas deliciosas com os pés em cima da mesa? Uma por dia com eles (pra mim também, faz favor) . Aquela resposta básica: Cara, não sei?

Usar sem moderação. Eles aguentam - e retribuem lindo.

Minutos de polimatia:



Polimatia I_ saber muito sobre muita coisa e ainda assim ser capaz de realizar. Profundidade, abrangência e conectividade em uma pessoa.

Conversando com amigos sobre problemas, criatividade, liderança (hum, essa palavra), inteligência e conhecimento no futuro próximo, tipo ontem, o consenso foi quase zero.

Eles pediram visões dos quesitos acima sob a ótica do polímata. Seguem algumas iniciais- a grande maioria pinçada da obra do Michael Araki - com uns pitacos meus.

Nós achamos que no mundo VUCA (volátil, incerto, complexo e ambíguo) que geramos e somos gerados simultaneamente (design ontológico, mas deixa pra lá), o array de habilidades e skills necessários para a solução de problemas torna virtualmente impossivel que um único indivíduo aporte tudo; entretanto se essa pessoa tiver a habilidade de casar em si visões opostas e mensurá-las bem ele chama isso de ambidestria) (e principalmente se em uma organização você combina pessoas assim (cientistas de dados-filósofos com historiadores-biólogos e administradores-poetas, por exemplo) a exponencialidade explode. E se liderança é a capacidade que a evolução nos deu de, em grupo, resolvermos problemas que sozinhos não daríamos conta - bom aí a conta começa a fechar. Próximo texto tem mais:

#ALEATORIEDADES

Tudo no mundo hoje está sujeito à mente... Da Vinci.

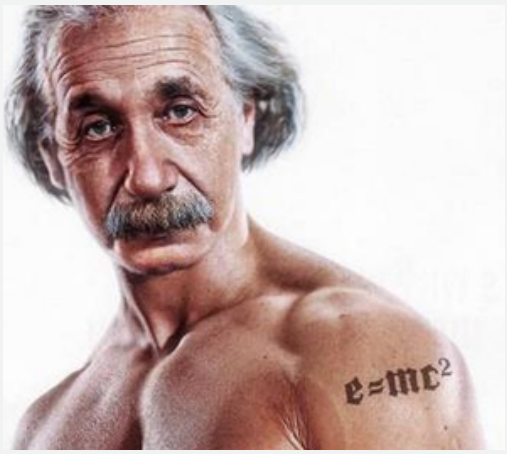
Há tantas visões simultâneas do mundo, tantas possibilidades de futuro, tanta abundância de conhecimento, tanta riqueza de contatos e ideias que às vezes me bate uma sensação de irrealidade.

É como estar na janela do carro e tentar agarrar um pedacinho de paisagem, não dá. Na verdade não dá nem pra entender que o que está passando la fora é o mundo.

Acho que só dá é pra fazer que nem labrador que passeia: botar a língua 👅 pra fora num sorrisão e aproveitar a delicia do vento na cara.

#ALEATORIEDADES

POLIAMOR = PRÁTICA, O DESEJO DE TER MAIS DE UM RELACIONAMENTO ÍNTIMO SIMULTANEAMENTE COM O CONHECIMENTO E CONSENTIMENTO DE TODOS OS ENVOLVIDOS



Almoço com friends

- Anna, mas fala aí, quem é polímata tem tendência ao poliamor?

3 segundos de silêncio, gargalhadas gerais, mó saia justa.

Existem vários tipos de polimatia = filosófica, criativa, pragmática. Existe a polimatia amorosa?

Talvez esteja ligada à polimatia experiencial (do verbo sapere - saborear, provar, ser sábio).
O polímata experiencial tem, na base da abrangência, as "meaningful experiences". Para ganhar sabedoria, a pessoa deve tentar, provar ou passar por largos e diversificados sets de experiências possíveis no mundo. Jobs se entupia de LSD por isso - era divertido também.

Por outro lado, focar demais na abrangência faz perder a profundidade (ai, soa estranho nesse texto riso). Sério, a especialização em algo (s) ou alguém (ns) demanda tempo, esforço e imersão. E aí talvez se perca a capacidade de conectar as pontas, no caos. Mas e se fizer crescer o grau empático e a tratativa com variáveis? o tema não esgota...

ENTÃO, AOS FRIENDS, FICA A RESPOSTA SUGERIDA. ISENTONA.

SÁBIO, NÃO? :)



Minutos de Polimatia:

Modelos mentais são bons. Quando você traz um profundo conhecimento de um campo A e aplica em um campo B, a resolução de um problema pode ser feita uma maneira realmente única. Modelos mentais ajudam até a bypassar um problemão da especialização - o tempo.

Parece errado e contra-intuitivo, mas o tempo joga contra o especialista ao faze-lo achar que seu conjunto de habilidades, skills e conhecimento profundos de um tema vão fazê-lo se destacar na multidão. Não é bem assim.

Pense:
Os super especialistas (PhDs, por exemplo) geralmente têm que manter carreira na academia - ou assumir um emprego corporativo que no fundo não utiliza suas habilidades únicas. E hoje, entre milhões de profissionais, é mais difícil saber quem são os melhores absolutos em uma área específica. Quem é o melhor engenheiro da melhor empresa de tecnologia?

Não sei, mas os engenheiros que aliam muita habilidades de comunicação, sensibilidade no design e domínio psicológico acabam por saltar na frente, É aí que entra a oportunidade polímata: aplicar seu modelo mental em novas áreas.

Poucas pessoas tentam e menos ainda conseguem.
Polimatize-se e faça do tempo seu amigo e aliado.



PRESSÃO PELA PRODUÃO *CRIATIVA* E *INOVATIVA*

SOCORRO!

Pensando sobre acúmulo de informação e transformação dela em sabedoria, desenvolvimento da criatividade, capacidade de insights e a angústia da galera para se transformar naquilo que o mundo parece pedir, o insight foi:

A reconstrução pessoal, inclusive sobre ser polímata, pede tempo e espaço. Qualquer nível de genialidade vai passar sempre pela lixada de couro do ambiente ao qual está submetida.



Peguem São João Batista; na época era o rei da oratória, capaz de hipnotizar multidões. Para construir seu discurso ele se submeteu a um extenso período de reflexão no deserto; privou sua mente de contato humano; seu corpo, de comida. Mas quando voltou ele tinha uma chispa tão indescritível que deu no que deu. O DESERTO o modelou.

O algoritmo humano vai mais além da capacidade de processar informação. Essa capacidade que tememos perder para as máquinas, de geração de respostas brilhantes, é uma resposta adaptativa ao mundo . Aqueles de nós que entenderem que modelam o mundo de mente e corpo assim como corpo e a mente modelam o mundo simultaneamente não precisam jamais temer a obsolescência. O algoritmo vai fazer parte da alma, do ambiente daquilo que já somos, assim como nós seremos parte da alma do dado.

#ALEATORIEDADES

MULTICONHECIMENTO PARA TEENS

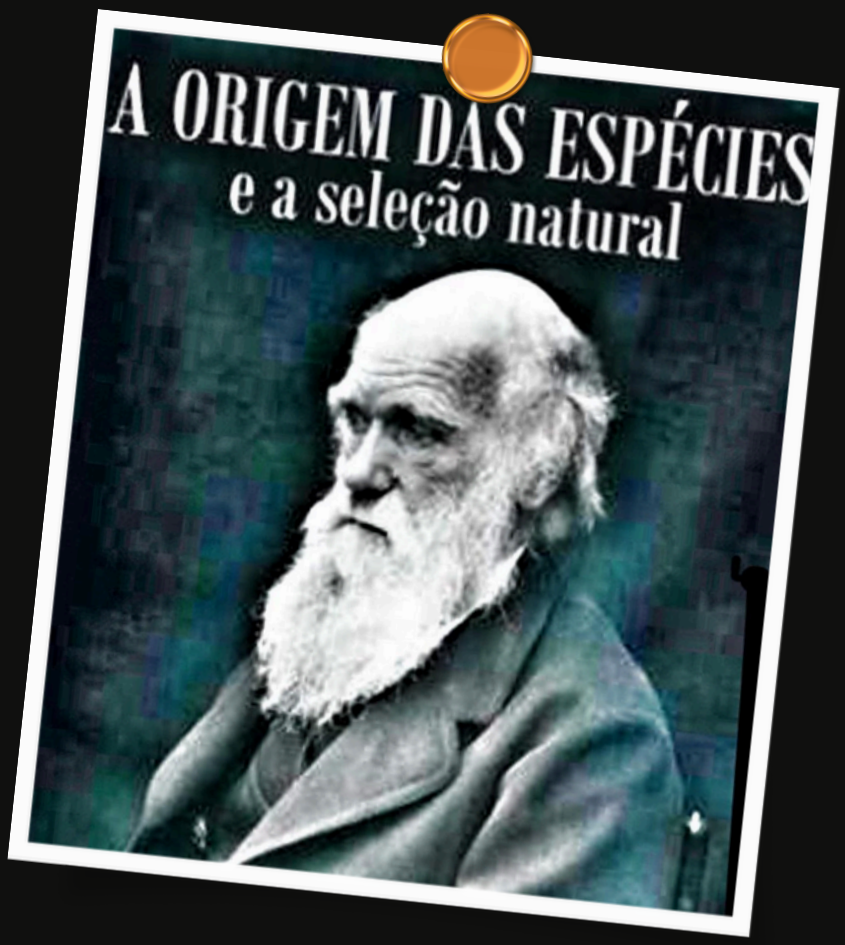


- Mãe, que cê tá fazendo?
- Estudando polimatia.
- Esse treco de novo? Mas por que cê tá olhando a foto dessa moça ? (espiando por cima do ombro) Hedy Lamarr, que cat..o de nome é esse?
- Ela era uma sex-symbol do cinema, antes, anos 40. Tipo sei lá, Scarlett Johansson hoje? E polímata. Ela inventou as bases da criptografia.
- Criptografia? essa do WhatsApp?
- Também. E do GPS. Frequency Hooping.
- E gente bonita pode ser polí polí polí...
- Polímata, Julia. Pode. Qualquer um. Sabe o Elder, nosso vizinho engenheiro químico que troca de namorada sempre? Tá procurando as bases bioquímicas do coração partido. Polímata experiencial..
- Cês são esquisitos.
- E você, que quer ser bióloga, funkeira e sereia? Tem polimatia latente. Desenvolve isso aí.
- Só se eu virar sex symbol também, mãe. Dá?

T E X T O A U T O - E X P L I C A T I V O

#ALEATORIEDADES

A cabeça reta e a espinha ereta em um momento de aflição são biologicamente necessárias



Não é brincadeira - é alimento dos circuitos cerebrais.

Toda vez que entramos em uma batalha e perdemos, dois hormônios (a serotonina e a octapomina) entram em campo para reforçar o conceito do que foi aprendido.

Se você foi vencedor, altos níveis de serotonina e baixos de octapominas serão imprintados; se foi perdedor, o contrário.

A calculadora da dominância (tks@ jordanbpeterson) fará com que o aprendizado seja enraizado e entendido pelo organismo como “sou um perdedor/vencedor ” constante; com isso o ciclo do feedback será alimentado a cada vez que um confronto se montar.

A apresentação física corporal reforça ou reformula o que aprendemos.
Fomos evoluídos como espécie a reconhecer e alimentar padrões. Se o padrão criado é o da subserviência, nosso corpo (alimentado pelo drive mental) direcionará nossa energia física disponível a prover o organismo de ferramental mínimo de sobrevivência.

A neuroquímica da derrota passa a fazer parte de nosso ser.
Não separemos jamais cultura da biologia: isso é uma estupidez sem precedência. A cultura (e a seleção natural que ela também provê) são parte daquilo que chamando evolução seletiva.

A cultura nada mais é que uma ferramenta da seleção natural.

Mulheres carecas. Oba!

Em relação ao Will Smith ter estapeado o outro cara lá no Oscar pela piada com a mulher com alopecia?

Meu comentário: talvez muitas mulheres carecas (acidentais ou opcionais) sejam muito mais bem resolvidas do que pensa a maioria dos cabeludos e cabeludas.

Acho que podemos rir dessa discussão e dar de ombros porque ser careca não é algo que se ataque ou que se defenda, É meio que atacar e defender um poro ou joelho, não faz sentido, risos.

Não precisamos nem de cavaleiros que nos salvem, nem que resgatem nossa "dignidade ofendida" nem de piadistas que nos dissequem por falta de assunto do roteirista,

Nós não somos uma causa, galera.

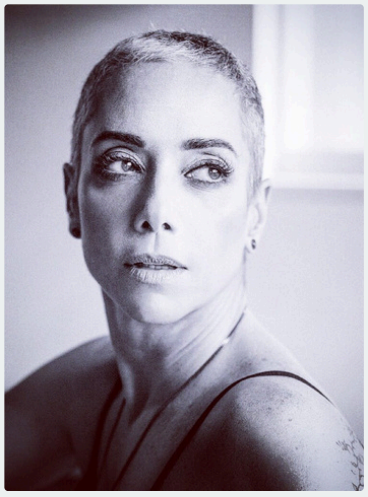
Me pareceu ali muito mais o conflito de dois egos perturbados pelo momento, Smith e Rock, do que a relevância ou “desrelevância” se estar ou ser careca.

By the way ser chamada de GI Jane é um baaaaaaîta elogio (pelo menos pra mim) Já que eu acho que força é a máxima expressão da nova beleza,

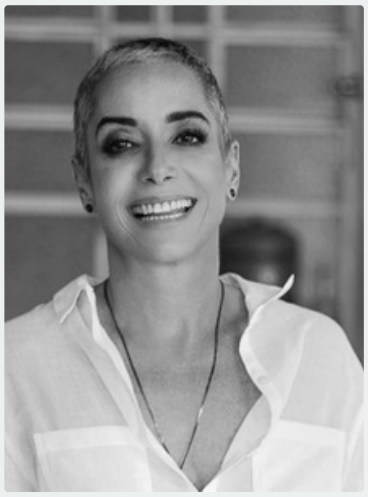
Bocejos nessa discussão!

#ALEATORIEDADES









#PENSAMENTOS MAIS DENSOS



O AMOR É HACKEÁVEL HOJE EM DIA?

Quase tomei uns cascudos quando disse que achava possível, para alguns amigos.Foi um festival de resmungos e exclamações, risos... "como assim??", "a gente já está perdendo privacidade e autonomia a rodo, me deixa escolher pelo menos alguém.."

Para poder desenvolver este raciocínio, a primeira coisa foi pontuar o que é amor. Existe o amor da compaixão e da caridade, existe o amor filial e existe o amor biológico, digamos assim, tipo o do Tinder. Falo desse aqui.

Sobre esse último: acredito que possa, em alguma medida, ser hackeável. E não somente pelos algoritmos que estamos desenvolvendo. Na verdade já o fazemos em outra intensidade há algum tempo. Somos constantemente bombardeados por Hollywood, livros, séries, fotos em redes sociais, publicidade, artigos, todos nos apresentando algum ideal de amor; criamos desde nossas primeiras interações sociais, noções do que coletivamente é desejável. O amor romântico (não importa aqui gêneros, a busca é a mesma) está indissoluvelmente fixado em nossas mentes contemporâneas como uma meta a ser atingida. Amar é que é o objeto do desejo, não necessáriamente a outra pessoa. Nos apaixonamos pela ideia do amor.

Se você já viu um filme chamado Ligações Perigosas (de Stephen Frears, 1988), pode entender um pouco como funciona a implantação de algo desse porte em alguém. No caso, como parte de um jogo perverso, muito pessoal. Ali contava a habilidade da criação lenta. Aqui e agora, século XXI, trata-se mais de construção científica, biologia e dados, entregando ao ser humano o que o ser humano acredita que quer.

E como toda a crença, hoje ela está sendo suprida pelo mercado de todas as maneiras possíveis. Dado que não sabemos direitinho o que amamos porque nos conhecemos pouco e ao outro menos ainda, o algoritmo vai nos testando suavemente e se acomodando àquilo que achamos que gostamos. Mas... se eu só peço aquilo que já gosto - porque não sei mais como pedir diferente - é muito muito fácil que me induzam a achar que algo pedi é o que realmente eu gosto. Assim, basta introduzir pequenas variáveis de convencimento apoiadas em notas randômicas. Pode ser uma pessoa com um tipo físico um pouco diferente do meu "padrão", pode ser alguém mais rico ou mais pobre, pode ser a nova estética da moda. De repente, pimba, estou caindo de amores por alguém que não pertencia ao meu radar.

Alguém pode argumentar que isso é bom, abre horizontes, poliniza, etc. Sim.

O ponto aqui é somente estar ciente que a amplitude de escolha é menor do que se pensa e tende a se estreitar ainda mais. Se biologicamente somos propensos a escolher A, o sistema nos hackeia ou oferecendo muitos As (e não sabemos que podemos escolher B) ou nos oferecendo um C (que igualmente não escolhemos testar, nos é apresentado).

Ah, mas o Tinder erra muito. Não importa, ele está aprendendo conosco - e tem toda a paciência e tempo do mundo. Ele só precisa acertar um pouco mais que nós, no dia a dia. E à medida em que vamos autorizando a ele novas opções de nos acessar em troca de prazer ou conforto, mais o Tinder aprende de nossas emoções.

Ele vai querer saber minha reação a uma cena, via leitura da abertura da íris (sinal de atenção); vai calibrar a minha respiração em uma dada situação (ofegar pode ser prazer); vai combinar dados e biologia de um jeito incrivel. Ele saberá, rapidamente, a quantidade exata de adrenalina, dopamina, serotonina, ocitocina, noradrenalina, vasopressina liberadas na corrente sanguínea (e nos impedem de pensar claramente, tomar decisões sensatas e, inclusive, de sermos nós mesmos, o que quer que isso signifique). Ele pode nos aconselhar também a maneirar - biologicamente não existe 100% de sexo sem compromisso dada a inteligação dos diferentes sistemas hormonais. O Tinder sabe (ou vai saber, mais cedo ou mais tarde).

Parece muito duro ou objetivo? Talvez seja porque seria muito dolorido abrir mão da ilusão do controle e escolha? Gostamos da idéia que fazemos escolhas poderosas, mas não gostamos muito quando forças poderosas nos moldam. Temos, coletivamente, um ego fortíssimo, que nos impele a acreditar que modificamos o mundo segundo nossas paixões. Mas e se essas paixões puderem, em algum ponto, serem selecionadas e nutridas? Fico pensando em até que ponto vamos nessa vida no processo de terceirização de tudo, na negação individual do poder do acaso e nas consequências possíveis de estarmos assim.

Admiro os seres humanos que criaram o Tinder. Ele deve ser um laboratório de captura de dados humanos absurdo (tio Zuckerberg que o diga, com o seu Dating). Não sei se os caras imaginaram ou tropeçaram nisso. Mas uma coisa é fato: ele está aprendendo a nos conhecer melhor que a nós mesmos e a nos dar aquilo que achamos que queremos. Para nos servir melhor e dar ao cliente o que o cliente precisa. Afinal, o cliente tem sempre razão ;)

Ou não?

#PINGOS DE CULTURA

Por volta de 2700 ac, duas grandes correntes de pensamento humano sobre o sentido da vida surgiram. Os Upanishads, visão literária maior de uma nova visão de mundo, foi escrita na Índia. Sua ética é construída da recusa do desejo - esse motor da infelicidade humana, Dali nasceu todo um sistema religioso, político e cultural expresso naquele continente até hoje.

Quase ao mesmo tempo a escrita cuneiforme esboçou os traços da primeira cosmogonia, Gilgamesh, que advoga o contrário; o desejo é o motor da História, é o que permite ao homem se realizar - não a toa essa é a primeira jornada do herói, Foi a base da individualidade e construção do mercado. E o que isso tem a ver com a vida corporativa?

Tudo. Conhecemos pessoas que são Gilgamesh reencarnados na busca pela glória e imortalidade- hoje se chama legado e propósito - e cada vez mais gente que usa o não-desejo para desejar ser feliz. Há zero de inovação e tendência de futuro nisso. Há a eterna e incessante luta humana para vencer a morte e o Sofrimento.
As duas visões - Upanishads e Gilgamesh- somos eu e você exatamente no mesmo caminho de nossos antepassados.

Só saímos da aldeia pra ir pro home office, pensando bem...





Minutos de Polimatia

Você talvez tenha um talento enorme em outra coisa que não seja o que os outros pregam a seu respeito (e às vezes se esforçando até esfolar pra entregar). Os dois muchachos da foto ai do lado foram monstros do cinema: Paul Newman e Hedy Lamarr (menores de 30 favor pesquisar).

Oscars, dinheiro, fama, multidões e a crítica babando em cima. Ela foi nomeada a mais bela mulher do mundo de sua época; ele idem. Mas de verdade o que ele realmente se considerava era piloto de automobilismo, pai de família e filantropo.

Corria pra burro e criou uma linha de alimentos imensa só para doar milhões à caridade. Um casamento a vida toda.

E ela, judia na Alemanha nazi, apenas inventou toda a gênese da telefonia celular e criptografia subsequente que usamos até hoje. Nos recalcados anos 40, trocava de marido como quem troca de camiseta.

Fama e dinheiro foram consequência de aplicar muitas horas e persistência ao que lhes subsidiaria suas verdadeiras paixões e vocações, não importando quais. Ralaram muito muito muito até alcançar a liberdade que queriam.

Beleza ajuda? Muitissimo, Mas como o ímpeto deles (repare no fogo no olhar de ambos), nem se fossem dois dragões de feios eles não teriam revirado o mundo de cabeça pra baixo.

Polimatize-se.

#PENSAMENTOS MAIS DENSOS

A VERDADE É QUE VOCÊ MENTE TODO DIA

MINTAM, POR MISERICÓRDIA

Dizia Nelson Rodrigues. Provavelmente o pensador mais inteligente da escrita brasileira, junto com Machado de Assis e autor de frases brilhantes - aliás tô querendo ser polêmica e escrever sobre algumas bem ofensivas ;) - ele costumava dizer: "mintam, mintam por misericórdia". Porque a vida em sociedade sem uma certa dose de mentira é insuportável. Somos muito frágeis para viver à base da verdade 100% do tempo. Uma vida "transparente" seria irrespirável. Não sei se você concorda.

Fico pensando em como seria um mundo onde falássemos a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade, o tempo todo? Um inferno ou um paraíso?

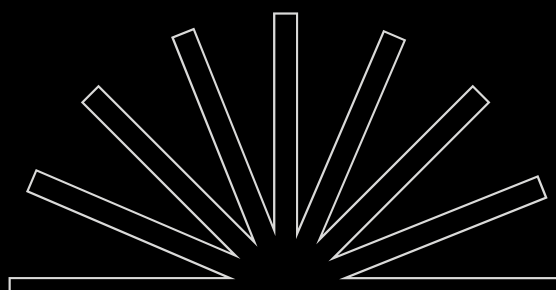
Imaginei um diálogo simples, eu e você na empresa, ou na faculdade de manhã, às oito: "Bom dia, como vai?"

"Ah me pesei hoje cedo, engordei, meu antidepressivo não está funcionando. Minha filha mais velha é uma folgada e meu marido está desinteressado de mim. Você tem bafo, o chefe tem bafo e não estou com vontade de ir pra mais uma reunião inútil. E você, como vai?"

"Eu? Feliz da vida da sua vida ser pior que a minha. Mas ainda com muita inveja do Luis da contabilidade que está saindo com uma gostosa que para completar é rica."
"Te odeio, vamos para a sala dois?"

Não dá, risos. Dizer para sua namorada que ela é mais bonita que a irmã, mesmo que ela não seja, não é algo negociável nessa vida; é imperativo de sobrevivência, quando nada, quando nada, para que você possa ter uma mínima chance na vida de conseguir ter sexo e perpetuar seus genes.

Acho engraçadíssimo quando trombo com uma cultura do "bem". Gente sinceramente empenhada em ser transparente e arejar, em não deixar juntar poeira na alma, mas que talvez - por ingenuidade misturada com arrogância - não se dá conta que nada, absolutamente nada na natureza deixa de ter uma razão. E que se ela criou o mecanismo da mentira foi para ajustar um problemão maior, que é evitar que o ser humano, mamífero extremamente violento e inteligente, deixe de cooperar em prol de algo que aí sim, vai ser um bem maior. E não somos os únicos: chimpanzés mentem para conseguir comida, insetos se fazem de mortos para escapar de predadores (que nem você quando seu chefe pergunta o que você achou da apresentação dele).



Eu li algumas pesquisas mostrando que em média o ser humano jovem e ocidental pode, em algumas situações, mentir até 200 vezes por dia. Somos condicionados por essa senhora cruel, a natureza das relações sociais, a mentir muito desde pequenos. Precisamos delas para que nossos pais nos atendam mais rápido e assim tenhamos acesso a mais recursos. Pura lei da selva - e dá-lhe choro de manhã.

E se ultimamente você acha que o mundo mente para você mais, está certo. Comportamento coletivos reforçados, como as redes sociais e as interações cavalares, fazem com que a quantidade de mentiras contadas seja em média de 3 a 5 vezes maior. Por outro lado, deve significar que você também anda mentindo mais para muito mais gente.

Mentiras não são necessariamente ruins, existem graduações como em tudo na vida. Quando é só para si mesmo, ela pode ser algo que transforme um emprego horrível numa empresa de m... em algo com potencial grandioso. E pode ser também uma corrente que te ate num relacionamento tóxico, olho lá. Quando a mentira é para o outro, pode significar um ato de misericórdia e afirmação de um laço de confiança; mas pode ser também a quebra dessa mesma confiança de um modo irreversível.

Ruim mesmo é quando você acha que mentir é a única opção de sobrevivência em uma situação; aí talvez você já tenha chegado no ponto onde a maioria dos muito poderosos ou muito humildes se encontra: é um ambiente onde a verdade e o poder estão competindo ferozmente. Aliás não se iluda, o poder é uma força gravitacional tão forte quanto a que gera um buraco negro; e como toda força imensa, arrasta e distorce o que está ao redor, inclusive a verdade. Por isso acho que poderosos quando tem que escolher já sabem o que querem e quase nunca é a verdade.

Anyway, quando você estiver naquela luta íntima para florear seu currículo, seja menos impiedoso consigo mesmo; quando estiver convicto que está do lado da "verdade" na discussão, pare e examine as ultimas 5 frases que proferiu. Você pode ficar surpreso em perceber que é muito, mas muito mais íntimo da mentira que possa imaginar.

Anna

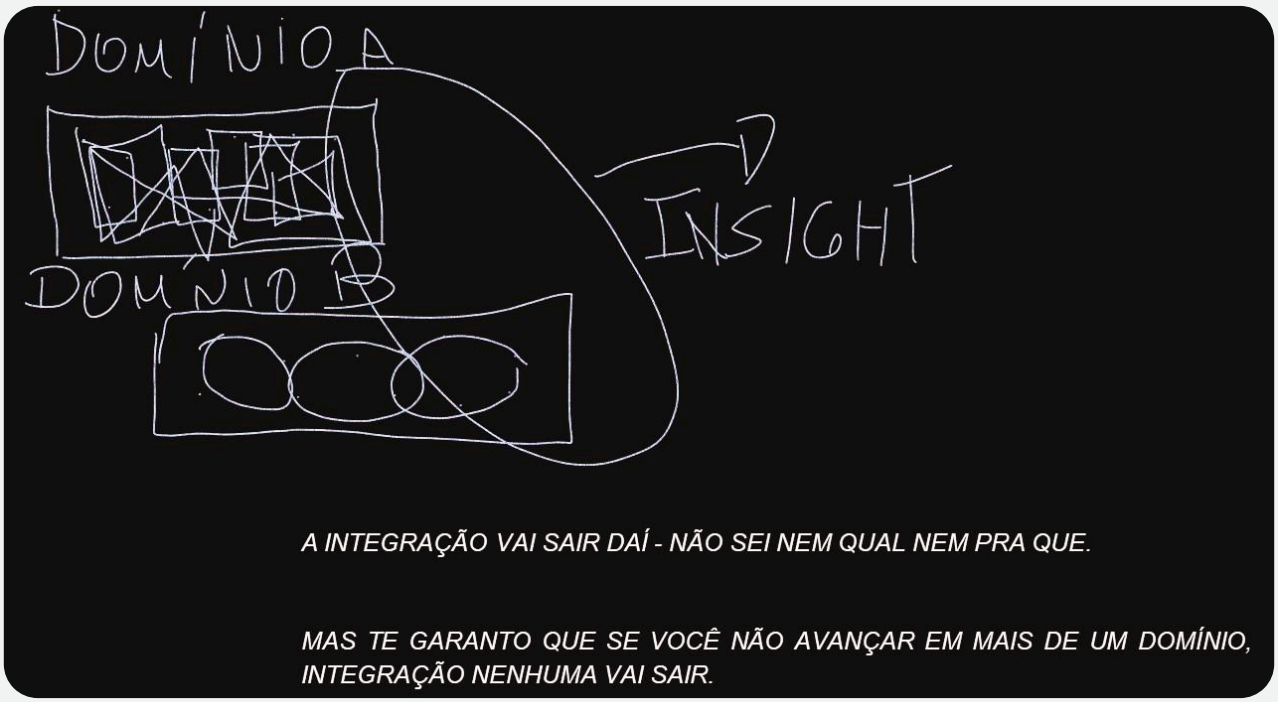
Ps: to indo mentir ali mais um pouco e já volto.

#ALEATORIEDADES

UMA MANEIRA DE SER MAIS CRIATIVO: COMBINE DIVERSOS CONHECIMENTOS

Múltiplas habilidades e conhecimentos podem sim serem construídos ao mesmo tempo.

Claro que o nível de profundidade - ou especialização - vai depender do tempo destinado a isso. Mas é a única maneira de criar insights poderosos, daqueles que mudam um projeto, um negócio, uma vida.





#PENSAMENTOS MAIS DENSOS

SÓ QUEM TEM UM **PORQUE** AGUENTA QUASE TODO **COMO**

Nietzsche. E Viktor Frankl.
Não há seres humanos mais opostos. O primeiro foi filósofo arrebatador, trouxe à tona conceitos perturbadores da alma humana, expôs conceitos que seriam a base do existencialismo, influenciador ainda não desvendado de outros gigantes do pensamento.

Outro, pouco conhecido no Brasil, mas brilhante: psiquiatra e fundador de Terceira Escola de Psicanálise de Viena, aluno de Freud e Adler, sobreviveu a QUATRO campos de concentração, Auschiwtz e Dachau incluídos, perdeu toda a família, deixou um legado ainda em construção, a Logoterapia.

Em ambos, a passagem do sofrimento como transcendência. Ponto comum.

Para Niestzche, o sofrimento sempre foi a marca da condição humana; somente descendo a seus infernos e nos apossando da aceitação que não há sentido na vida poderíamos enxergar as cordas que nos movem como marionetes (MVP? CRM? cliente?) e assim transcender a outra coisa. Olhando para trás e negando essa condição é que nos tornaríamos uns monstros egoístas e nos afastaríamos de nossa natureza viva e real; nossa desgraça seria o olhar metafísico, que nos roubaria a prática de um hoje melhor, na busca desesperada por unidade, finalidade e verdade. Nietzsche morreu só, e louco, mas deixando um legado único.

O Dr. Frankl pensava diferente, ainda que usasse a frase desse titulo, que é de Nietzsche, em vários pontos de seus pensamento. Para ele, a única via possível de qualquer um seria a busca do sentido em sua vida, desatrelando esse olhar até nas condições mais extremas. Esse sentido nada teria que ver com um fim religioso (apesar dele mesmo se revelar como) ou negando as piores barbáries (que sofreu na pele sob seus carcereiros nazistas);

trataria-se de sob toda e qualquer condição encarar sofrimento sob a única ótica possível: entender que ainda na pior de todas as situações, cada um decide como vai lidar com ele. Isso é intirável do ser humano e moldaria o "daqui pra frente"com total autonomia e liberdade, mesmo sob as quatro paredes de um corredor da câmara de gás.

Outro nome que se pode dar estas maneiras profundas de ver para onde vamos (ou não, no caso de Nietzsche): busca de propósito.

Para mim hoje é humanamente impossível dar ou tirar a razão a qualquer um dessas visões de mundo. Um busca definir o ser humano pela existência, chamando ao autoconhecimento radical, um pulo dentro dos próprios abismos, achando a transcendência na negação do propósito e na vivência da vida; o outro pede para que se olhe a essência, projetando a verdade radical de entender que só se pode definir e transcendência através do alcance do sentido para fora de si - na busca do propósito na ideia e no projeto.

Só tem uma coisa que não pode: chamar de busca de propósito o ato de convocar a galera pra fazer hacktown de cerveja. Esse barateamento da palavra, do significado mais nobre, marquetizar isso é negar e tingir alguns dos maiores sacrifícios que outros seres humanos fizeram ou farão.

Propósito não é uma start up (ainda que o dono ache que vai mudar o mundo); propósito não é um post no Linkedin falando de um modelo de chefia descolado e muito menos qualquer outra coisa que não seja o ato mais nobre da vida de alguém. A palavra é tão poderosa que ombreia com outras, igualmente punks: vida, desejo, vontade, acaso, poder, fracasso e as complementa, recorta, aumenta ou reduz.

Em relação a você? O seu talvez seja simplesmente encontrá-lo, para então vivê-lo ou
negá-lo, e quem sou eu pra dizer qual. A palavra, uma vez compreendida, seja como for já é parte de você.

Mas por favor, por favor, por favor, enquanto isso não acontece, e mesmo depois, pare de usá-la em reuniões de consultoria, briefing, ou maratonas publicitárias modernas; pare de usá-la, triste e empobrecida, colada a termos como digital ou transformação; pois talvez enquanto você estiver pensando como empacotá-la pra vender, essa palavra esteja simplesmente indo embora de você, desgastada e afinando, até um dia desaparecer.

#PINGOS DE CULTURA

Ruptura, em cartaz na Apple, é a mais feroz crítica à própria Apple



Não há explicação possivel para o porquê de um grito tão poderoso como o que essa série faz contra a estupidez coletiva que nos assola não ter sido banido pela empresa que é hoje a epitome de tudo o que está errado no capitalismo.

Estamos todos loucos; somos a mistura dos porcos do George Orwell de 1984 com os narcotizados dos Aldous Huxley do Admirável Mundo Novo e temperados pela fascista atitude de queremos só o bem, "a lá" Waldo II de Skinner.

Os executivos da Maçã devem ter certeza que estamos tão idiotizados que nem percebemos o profundidade da idiotia na qual nos metemos. E resolveram fazer uma metanarrativa de auto e fina ironia.

Só pode ser essa a aposta deles: vamos deixar Ben Stiller produzir e dirigir essa magnifica série porque os idiotas espectadores que a verão não vão perceber a sátira feita da vida de gado que levam; nem vão perceber o quanto sacudimos na cara deles que empresas são a nova religião (haja visto a quantidade de fiéis aqui no LinkedIn entoando cânticos ao mercado, louvando ao CEO como se fossem pastores, comungando ao templo da empresa que os acolhe, implorando pela salvação da nova oportunidade corporativa). Os executivos da Maçã riem e sacodem seus gadgets enquanto se admiram de nossa fé corporativa idiotizante, não é possível;

Ou foi isso ou então eles também não perceberam que, disfarçado em um suspense contundente, está um corrosivo e anárquico libelo contra tudo o que de mais errado existe no mercado, hoje e sempre: a necessidade intrínseca de um humano controlar ao outro usando a liberdade contra nós mesmos; a drenagem das nossas emoções como recurso último de um sistema implacável de lucro que é nosso mestre escolhido; a nossa venda consciente da nossa consciência - seja para encher nosso bolso, seja para tapar nosso buraco na alma; o uso de nossas emoções para a construção de uma série de práticas e discursos que SABEMOS que estão errados mas que optamos (por covardia e comodidade) não enxergar e que tolamente compartilhamos porque acreditamos que isso vai lavar nossa consciência culpada; nossa anuência e concordância com a vigilância corporativa (não sejam burros, não tô falando de biometria) de nossos índices e padrões de felicidade - ser infeliz é ser improdutivo, façamos o funcionário feliz MESMO que ele não queira. Enfim, devemos ter chegado um passo além do conceito da distopia.

E sinto por concordar com Ben Stiller, ela está no nosso presente e enfiada nos nossos cérebros, clonando nossas emoções, alterando nossas percepções daquilo que tem realmente valor e que perdemos, talvez irremediavelmente.

#ALEATORIEDADES

be brave

Fico pensando.... essa quarentena pode ser um baita treinamento de isolamento. Há um artigo do The Guardian falando sobre como esse é o momento dos introvertidos.
Maybe.
Talvez estejamos no comecinho de uma catança, um período onde somos capazes de ver quem são os seres humanos capazes de suportar muita coisa: privação, medo, solidão.... Um fortalecimento desses alguns, quem sabem para aguentar em 30 anos ir pra outros mundos, sabendo que não mais voltarão? Piada? Acho que não.

O Elon Musk está apostando todas as fichas dele no plano B - a vida fora da Terra (o plano C é deixar de ser humano, tema para outro post) via Space X.

Detalhe: ele nem sabe se vai poder conhecer Marte, mas ainda assim vai mandar gente pra lá. Haja coração valente. Por que eu tô reclamando da vida mesmo?



Minutos de Polimatia

A solidão das cabeças diferentes

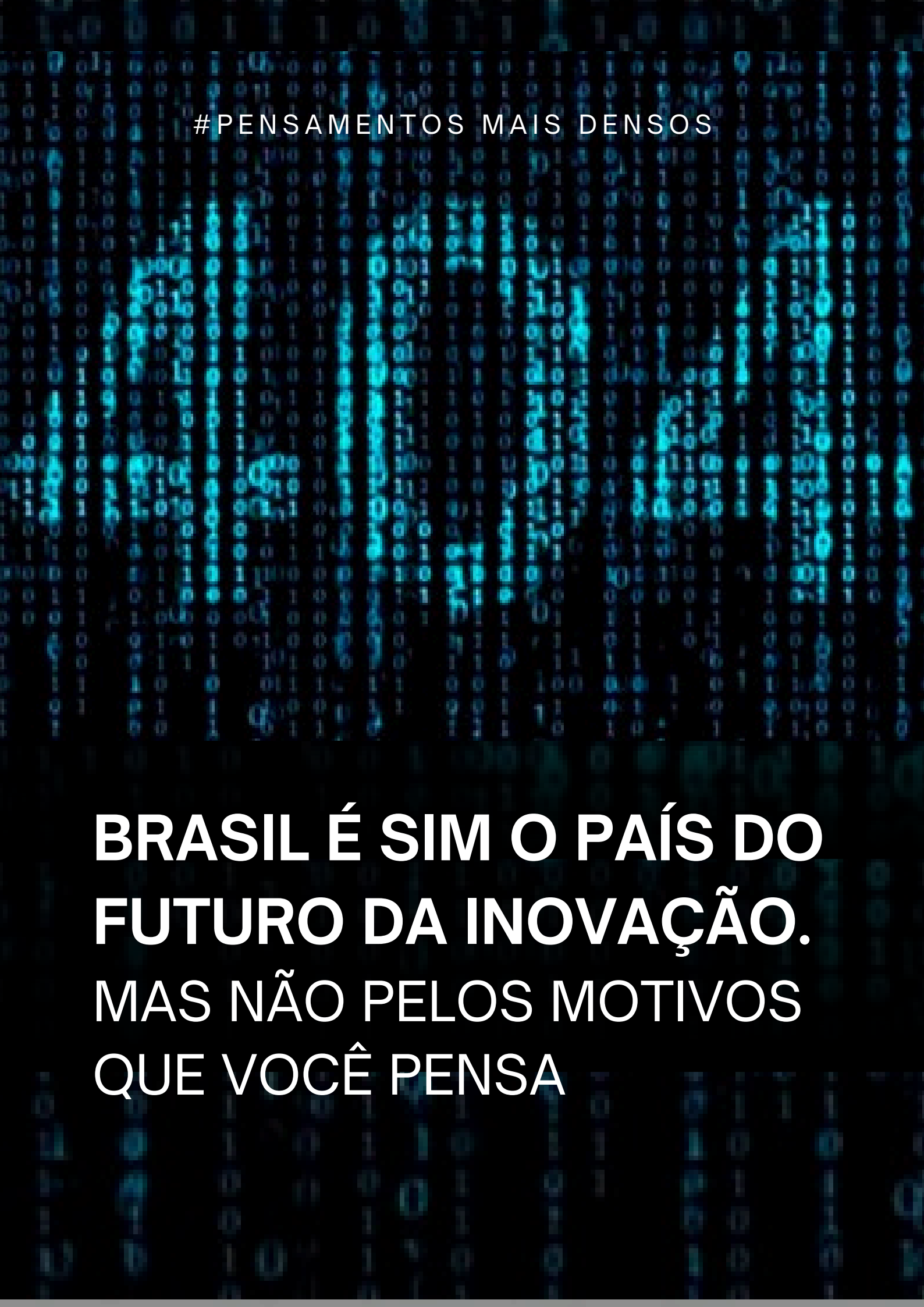
Todo mundo quer inovar, ter a tal percepção de algo que vai mudar o jogo. E aí, que venha celebração do time, pra lavar nosso ego.

Mas acho que raramente funciona assim... um traço em comum a essas pessoas notáveis é sua igualmente. notável solidão. Corporativa ou academicamente, os polímatas geralmente provocam uma vaga perplexidade, um certo incômodo por trazerem referências, cruzarem conhecimento, ofertarem respostas que à primeira vista não tem pé nem cabeça. Geram impaciência: "do está falando? Não tem nada a ver com o tema". que você.

Só que têm e o resto só percebe depois - geralmente quando um polímata empreendedor e com o ego forte molda a inovação, ligando zero para a sensibilidade alheia.

Mesmo os mais especiais pagam um preço alto na carga de incompreensão a que são submetidos por vezes tornam-se duros pela incapacidade de encontrar interlocução e troca. A salvação é que geralmente polímatas se cercam quando em liderança, de polímatas e aí rolam vibes incríveis. Eu mesma trabalhei com algumas pessoas assim; foram as melhores temporadas de realização ever.

Não tem outra saída, depois que você ver isso já não conseguirá de novo ficar pequeno em seu horizonte interno. Ache um chefe ou colega assim.


#PENSAMENTOS MAIS DENSOS
BRASIL É SIM O PAÍS DO FUTURO DA INOVAÇÃO.
MAS NÃO PELOS MOTIVOS QUE VOCÊ PENSA

O Brasil é sim o país do futuro no presente. Estar na periferia do poder é o que há de mais moderno e atual, e as empresas e pessoas tem que se dar conta disso e modelar suas ações pra aproveitar essa oportunidade. E aqui nesse texto vou tentar explicar o porquê.

2022. Um cenário que alguns podem dizer utópico (uma nova invenção maravilhosa por dia) e outros podem pôr na conta do distópico (superpopulação, caos climático, crises financeiras sucessivas aceleradas, tecnologias desbalanceando o entendimento, sistemas políticos em xeque, hipernarrativas políticas e religiosas, organização em rede confusa).

Seja qual for a lente que você prefira usar, nenhum local hoje no mundo reúne todas as características necessárias para se ver e viver os paradoxos ultracontemporâneos mais que o Brasil. E por consequência, para se testar os novos modelos, tanto em negócios como em soluções. As aparentes fraquezas do Brasil na verdade são uma oportunidade única, porque somo o extrato mais destilado de tudo o que o mundo contemporâneo tem como problemático.

Arrumou aqui, arruma no resto.

Tudo está acontecendo no Brasil AO MESMO TEMPO, por isso essa posição ímpar. Sigam esse fio:

1) Nossa democracia imperfeita vive a luta para saber se vai sobreviver. Mais do que questionamento se é esquerda ou direita, a democracia busca entender se ela é o modelo que vai suportar as estruturas sociais e econômicas ou se vai ser substituída por outro arranjo nas próximas décadas ou séculos - seja uma volta à centralização, seja um aprofundamento na descentralização. Ao sermos democráticos, mas não perfeitamente democráticos, aqui as visões estão muito sujeitas a esse choque, mais do que em democracias estáveis.

2) Vivemos diariamente o choque entre preservação e expansão. Por conta da diversidade ambiental e ecológica e da tensão de explorar a natureza para sobreviver versus a pressão por entender que sem ela não sobrevivemos, **vemos o mercado lutar contra si mesmo para achar novos modelos de equilíbrio entre expansão e preservação.** É nessa luta de acomodação que modelos possíveis são testados. O que se faz e como se faz aqui reflete e amplifica movimentos e olhares globais. Vivemos possibilidades de materialização de distopias e utopias o tempo todo, somos o paraíso das visões da ficção científica.

1) Em matéria de sociedade somos um país miscigenado de identidades que se chocam, plural, confuso, exatamente como o mundo global é. A própria definição de brasileiro é posta continuamente em cheque. Nossa história é recente, não nos entendemos com nossas fronteiras, e ser brasileiro pode ser medido por cor, faixa econômica, alinhamento cultural, etc. Nossa sociedade se debate com questões profundas agudas de gênero, mitos religiosos, linguagem e cultura.

E ao sermos democracia imperfeita, permitimos que as discussões subam a temperaturas estratosféricas. Ao não estarmos cristalizados (como em teocracias, ditaduras ou teocracias) nem sermos um país de uma etnia só (como a China) suportamos a possibilidade de divergências terríveis que geram novos olhares.

2) Somos urbanos e agrícolas simultâneamente. Mais de 90% de nossa sociedade está em cidades mas a grande riqueza quem gera hoje é o agro e acommodity. Há uma tensão extrema, porque normalmente é o contrário. Há uma modernidade tecnológica no agro associada a uma visão conservadora liberal, enquanto os centros urbanos são padrões de comportamento múltiplos com suporte econômico pobre. **Há um import export que vale observar.**

3) Vivemos a guerra de narrativas da ciência - contra e favor - agudamente. Ela é um reflexo exemplar do salto que as redes proporcionam. A informação corre solta e mais do que erro e acerto, o que se mede é a fé que alguma resposta gera na massa. A força da ciência é sua maior fraqueza: respostas provisórias em um mundo balançado permitem o avanço do conhecimento mas também aumentam a insegurança. E o medo é um fator de destruição, mas também de criação de narrativas. **Testamos ao mesmo tempo a ciência e suas respostas e a capacidade de ter fé em algo; e com isso remodelamos a comunicação constantemente.**

4) Somos o país das redes. Massivamente, porque faz parte da psique latina, porque geograficamente estamos distantes uns dos outros, porque nossas comunidades locais são frágeis, porque o FOMO é parte da periferia, temos facilidade em adotar as redes como suprimento material e emocional. **Somos o melhor público para experimentos sociais que redesenham relações.** Isso tem um impacto monstruoso no b2b e no b2c.

5) Temos uma indústria cultural subserviente e ao mesmo tempo autônoma. Fagocitamos o externo o tempo todo. Nenhum conhecimento ou movimento cultural fica puro uma vez que bate no Brasil. Adotamos tudo do nosso jeito, engolimos e cuspimos em outra versão. Sai muita porcaria, mas muita pérola.

6) Nos equilibramos no meio. Meio que temos indústria meio que temos tecnologia, meio que temos educação, meio que temos inovação. Estar no meio traz a chance de estar na frente e atrás simultaneamente e testar e mudar o que só aparentemente está dando certo - porque é o que está atrás é que decide o resultado do que se acha que é inovador.

Eu poderia ficar cinquenta horas discorrendo, mas a ideia geral está aqui. Agora, como capitalizar isso?

Esquecendo a pobreza do discurso de melhores práticas importadas. As melhores práticas aqui são aquelas genéticas, baseadas na ideia que somos mais que uma réplica pobre de situação gringa.

Isso significa ter coragem pra impor limites naquilo que normalmente se entende como KPIs de inovação baseados em cenários gringos. Ele só podem ser úteis quando falamos de sistemas maduros em empresas que buscam estar maduras em cenários estáveis. Mas é burrice não levar em conta que as enormidades de instabilidade do Brasil são um cenário único de teste de flexibilidade. O que funciona aqui tem que se adaptar a diversas variáveis (é um pleonasmo mas não me ocorre outra construção verbal). O Brasil não se adapta a uma ferramenta ou idéia, é o contrário. E vale muito a pena apostar nisso porque a solução (ou ideia) que aguenta isso é resiliente de verdade para um mundo global que é muito mais parecido com o Brasil que com a Europa...

Durante 20 anos eu trabalhei com corporações que teimavam em trazer inovação pra cá que simplesmente não era inovação, era ajuste de processo de gringo. Principalmente em hardware e software, vi como o que era criado nativamente no caos brasileiro se mostrava mais parrudo, flexível e adaptável - inclusive implantar externamente o que foi criado aqui permitia uma adaptação a outros ambientes caóticos. As nossas soluções já previam caos por princípio.

De lá pra cá, o ambiente múltiplo só se multiplicou ainda mais, nossos problemas se tornaram mais vastos e por isso mais potentes como insumo de criação de soluções que se adaptem. Mais do que nunca o Brasil tem a vocação de ser o laboratórios de pesquisa e testes de inovação. Basta perder o medo de não copiar diferente, de não dar fit com o que funciona lá fora. E basta pensar de novo, que quem arruma resposta e arruma as coisas aqui, é capaz de arrumar em qualquer lugar do mundo.

Isso pede duas coisas, além de coragem pra não virar suicídio: uma cabeça profundamente antenada com o que está acontecendo lá fora para comparar cenários e respostas, e um filtro/faro para descartar o 90% que não serve - olhando para o que está acontecendo aqui como um todo. Depois é capacidade de cópia só dos 10% que precisamos e uma feroz crença que temos os melhores professores do mundo - uma infinidade de problemas e cenários.

Esse é o verdadeiro glocal, essa capacidade não de trabalhar local com pensamento global, mas de perceber que o nosso Brasil é hoje a síntese do mundo tribal e global. E partir pras cabeças.

Vai funcionar.

#ALEATORIEDADES



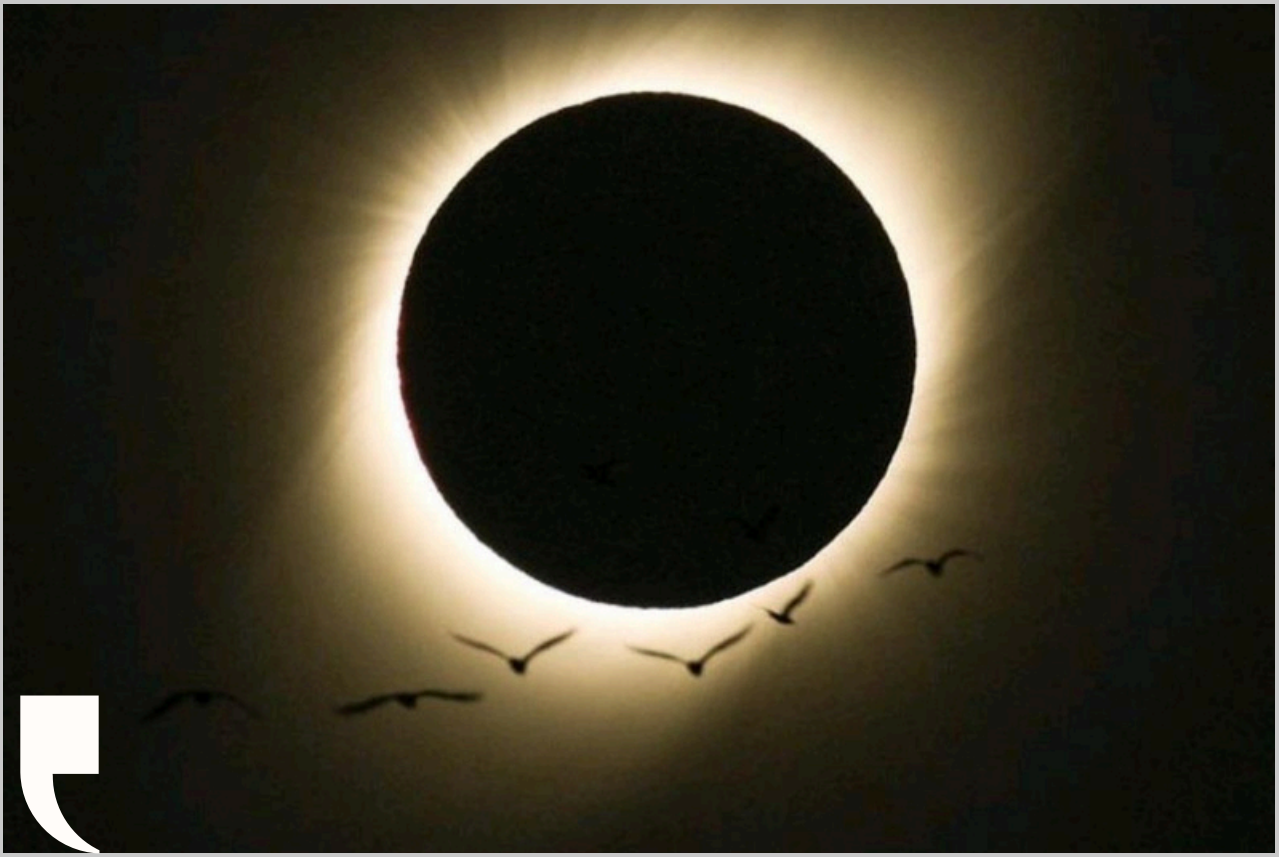
O renascimento da arte de #pensar está bastante perceptível entre os mais bem educados. Afirmo de modo empírico, talvez o pessoal da Associação Polimata tenha uma percepção apoiada em dados mais exatamente medidos.

Mas o fato é que noto uma ânsia de evoluir de informação para #conhecimento por parte de várias pessoas. Talvez seja pelo excesso do acesso, seja pela polarização.

Pode que seja porque se toda #opinião é válida não há como #escolher o que é mais válido. A busca pelo filtro trazido pela capacidade de olhar algo com profundidade ajudar a recriar essa escala.

Os absurdos avanços do STEM (#science, #technology, engeneering, math) e das ciências da vida (#biologia na cabeça) estão modificando radicalmente a nossa percepção da realidade objetiva; para não enlouquecermos de angústia, as ciências humanas (#psicologia, #história, #sociologia e a mãe de todas, a #filosofia) estão sendo retomadas a fundo. Elas vão reestruturando nosso arsenal de entendimento e nos ajudando a reinventar-nos nesse mundo que estamos criando sem saber como vai funcionar. É a tal da #sabedoria na cabeça.

#PINGOS DE CULTURA



O que é o tempo? Se não me perguntam, eu sei; se me perguntam, eu não sei.
Pra variar, resposta matadora de Santo Agostinho. O cara era brilhante e é uma das coisas mais modernas que existem.
Bom, tempo. Deve ser a capacidade de perceber a duração dele que nos faz humanos. Saber que tudo pode ser finito faz a humanidade ter um monte de filhos, criar coisas, religiões, lutar pra deixar um legado, empresa, herança, achar propósito.
Como por outro lado ao tempo não acessamos direto (só sentimos seu efeito), sua passagem no fundo é marcada unicamente pela percepção gerada na nossa #understand consciência.
Ai fica fácil ver que nós é quem damos ao tempo seu significado e não ao contrário.
Lembre-se disso quando a reunião estiver infernalmente inútil e infinita. E também quando você se perder no abraço do ser amado,
É na sua memória (essa mesma que mora na sua cabeça) onde o tempo tem sua casa eterna e os cômodos que você destinar.

#ALEATORIEDADES

Há o risco ou incerteza de algo não funcionar no **seu projeto** ou na **sua empresa?**



Como manejar isso para si e para os outros?

Risco = uma situação em que a probabilidade de futuros resultados pode ser manejada através de probabilidade e estatistica;

Incerteza = uma situação em que uma previsão de resultados futuros, suas probabilidades e impacto econômico se baseiam em estimativas subjetivas.

Não é o risco que desperta a nossa animalidade instintiva. É a incerteza.
A ciência, a economia, a matemática, a estatistica surgem aqui não como desenvolvimento lógico, mas como proteção básica do ser racional à incerteza.

Falta a confiança; um treco totalmente subjetivo mas que precisa ir Junto com a lógica.

A confiança à vezes Joga contra- é onde o cientista se perde, porque sem confiança o número e o quantificável saem do risco e viram incerteza, E a confiança é dada por quem sabe conectar subjetivos: psicólogos, religiosos, filósofos, Gente acostumada a pensar sob risco contínuo,Nenhum administrador deveria esquecer-se disso, acho eu. Por isso precisamos de engenheiros-filósofos e CEOS-psicólogos.

#PINGOS DE CULTURA

Tudo o que é pensado e projetado por seres inteligentes, qualquer que seja a forma de seus corpos, deve obedecer a certas leis básicas.

Após algum tempo mesmo as formas mais exóticas deixam de provocar surpresa, e a mente passa a se cansar da repetição, tornando-se ademais incapaz de absorver novas impressões.

Isso me parece um pouco com o que acontece com visões de futuro, A mente está cansando, impermeabilizando-se.

A única maneira de furar essa anestesia é fixando o olhar no eterno e não no futuro. #olhar #discussão



#PENSAMENTOS MAIS DENSOS



PENSAMENTO TRANSDISCIPLINAR

Imagine que o ano é 1985. Imagine que você tem 25 anos de idade. Digamos que você tenha uma escolha entre investir US $ 20.000 em um portfólio equilibrado ou investir apenas US $ 5.000 e depois usar o restante para comprar um carro novo. Quanto dinheiro você teria hoje em qualquer cenário?

A uma taxa relativamente amigável de 7% de crescimento, composta por 35 anos, no primeiro cenário, você teria pouco mais de US $ 213.000. No segundo cenário, com uma taxa de crescimento semelhante, em um intervalo de tempo semelhante, você teria algo como $ 53.000. Essa diferença inicial de US $ 15.000, com o tempo, se torna algo muito maior, crescendo muito mais agressivamente.

Para muitas pessoas, isso não é intuitivo. Eles podem ter aprendido isso na escola, e eles podem ter internalizado a matemática, mas não está claro imediatamente que a diferença ao longo do tempo seria tão grande. A razão para isso é que nossos cérebros geralmente pensam em termos lineares, enquanto a composição é um processo dinâmico e não linear. Não é uma questão de adição, mas multiplicação.

A acumulação de conhecimento, em certo sentido, funciona da mesma maneira. Quanto mais você tem disso, mais ganha com o crescimento adicional do conhecimento. Por um lado, à medida que você aprende mais, fica mais difícil encontrar coisas que acrescentam mais à sua mente. Mas, por outro lado, quando você se depara com algo novo, você tem uma lente mais ampla e holística para vê-lo. Você tem mais padrões para conectá-lo, mais lados para vê-lo.

A memorização mecânica que aprendemos em muitos sistemas educacionais ao redor do mundo é uma tentativa de agregar conhecimento em nossos cérebros, um assunto separado por vez, um fato específico por vez, em um padrão linear. É compartimentado, o que significa que ele só tem muito espaço para crescer.

Mas o conhecimento que adquirimos quando nossa intuição mais profunda está sendo refinada por novos padrões e novos conceitos trabalha em uma rede existente de conhecimento, não muito preocupada onde os limites de uma disciplina começam e terminam. Quando você está aprendendo a cozinhar, por exemplo, não divide a experiência em química e biologia. Você pode ter uma receita para orientá-lo, mas, na maioria das vezes, trabalha com tentativa e erro, refinando sua intuição até poder cozinhar a omelete perfeita. Aprender sobre química e biologia de alimentos pode ajudar, mas a realidade visceral imediata da fabricação de omeletes não se preocupa com abstrações separadas por limites linguísticos que começam aqui e terminam ali.

A pura experiência da realidade vem antes das diferentes disciplinas em que dividimos a vida e, embora essas divisões possam ser úteis quando trabalhamos e quando falamos sobre coisas, elas estão todas ligadas entre si, misturadas em uma tapeçaria de conhecimento que é muito menos legível do que o tipo de conhecimento que adquirimos ao ter uma aula sobre política e outra sobre economia. Nosso cérebro absorve informações naturalmente como um polímata, mas geralmente atrapalhamos quando tentamos entender as coisas de maneira compartimentalizada.

Uma das razões pelas quais a memorização mecânica ou uma tentativa excessivamente sistemática de resumir um tópico específico não funciona é que, quando você faz isso, aprende o que quer que seja que está aprendendo sem nenhum contexto real. E sem contexto, seu cérebro realmente não sabe como usá-lo, o que significa que não o entende verdadeiramente, eventualmente esquecendo-o.

Digamos que você esteja lendo um livro sobre a história da política sem muita experiência anterior lendo sobre o assunto. Você pode entender as coisas aqui e ali, sentindo que está aprendendo alguma coisa, mas se eu lhe pedisse para me contar exatamente o que aprendeu e o que lembrou daquele livro três a quatro anos depois, as chances são de que a resposta fosse ser: "não muito".

Isso, no entanto, mudaria consideravelmente se, digamos, houver uma revolta local na cidade, e você poderá, em primeira mão, ver os princípios mencionados nesse livro com seus próprios olhos ao lê-lo. De repente, você tem contexto, e esse contexto significa que o conhecimento se solidifica em sua mente.

Em um nível, isso está dizendo algo óbvio: para aprender algo, precisamos ver o conhecimento abstraído das diferentes disciplinas que compõem o mundo em nossas próprias vidas antes de compreendermos como ele se encaixa na realidade. Em um nível mais sutil, porém, o ponto é que, quando aprendemos conhecimento especializado, tendemos a vê-lo em uma estrutura bidimensional, e não no contexto da complexidade da realidade, e se podemos trabalhar esse conhecimento especializado em algo completamente diferente, algo que contrasta muito com a fonte do conhecimento inicial, podemos transformar nosso mapa mental bidimensional da realidade em um tridimensional.

Agora, digamos que você esteja lendo um livro diferente, talvez um livro de ficção, na mesma época em que está lendo o primeiro livro. Você escolhe o primeiro, deixa as palavras ferverem em sua mente e depois deixa por um tempo. Enquanto isso, você pega o segundo livro. Este livro não tem nada a ver com política. Talvez seja uma história de amor. Talvez seja um romance de fantasia.

Mas ao ler o primeiro livro sobre política, você percebeu que havia formado um conceito de poder em sua mente que agora podia ver no romance de ficção, embora, na superfície, esse romance não tivesse nada a ver com poder. Mais tarde, talvez, quando você recolocou o livro sobre política novamente, as conversas sobre identidade e tribalismo e como elas moldam nossas hierarquias faziam muito mais sentido quando contrastadas com as relações e rivalidades familiares do romance.

Esses são exemplos simplificados e podem não refletir verdadeiramente a osmose entre as diferentes disciplinas do conhecimento que uma compreensão polimítica do mundo implica, como tendemos a pensar, mas o mecanismo subjacente que está em ação não é diferente. Ao tornar nosso aprendizado e nossa leitura não lineares, damos ao nosso conhecimento mais caminhos de potencial a serem explorados, pois ele faz sentido do que absorve.

A memorização mecânica que aprendemos na escola é a antítese desse tipo de brincadeira. Mas é justamente esse salto, de um livro para outro, de um contexto para outro, de uma disciplina para outra, que nos permite fazer conexões interessantes que preenchem as lacunas invisíveis deixadas abertas pelo estudo de abstrações compartimentadas.

Nosso conhecimento está ligado a uma rede interconectada, e a maneira como lemos e tentamos compreender o mundo deve refletir isso. E quando essa rede está adequadamente integrada, há uma certa clareza e ela vê o todo de uma maneira que nenhuma das partes pode. O falecido autor Terry Pratchet capturou uma vez isso lindamente:

“As pessoas olham para coisas como geografia e meteorologia, e não apenas porque estão de pé em um e sendo encharcadas pelo outro. Eles não se parecem muito com a ciência real. Mas a geografia é apenas a física mais lenta e com algumas árvores presas nela, e a meteorologia está cheia de caos e complexidade emocionantemente modernos. E verão não é hora. É um lugar também. O verão é uma criatura em movimento e gosta de ir para o sul no inverno.

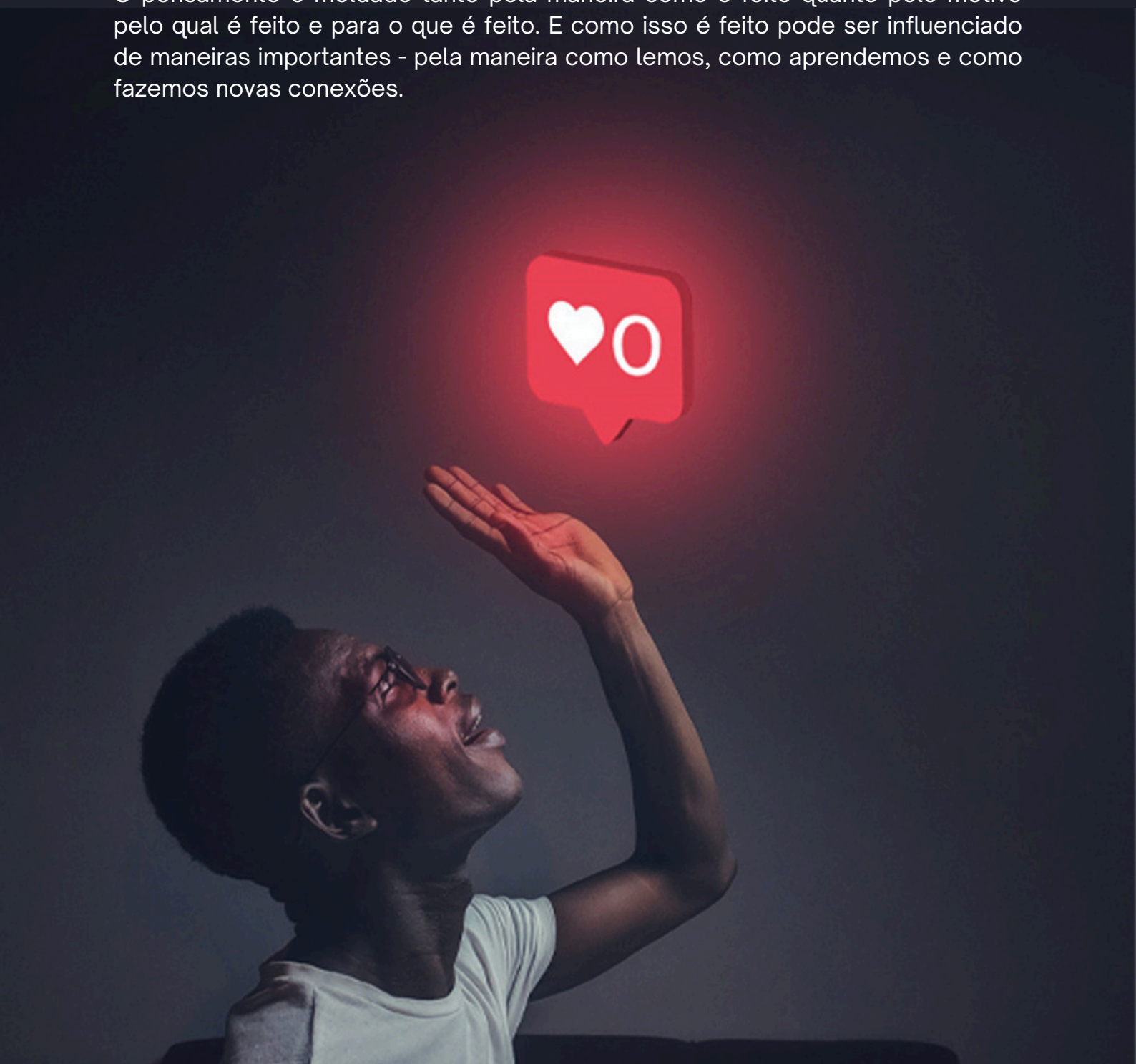
O mundo é mais interessante quando podemos ver os padrões complexos que conectam suas diferentes partes umas às outras. E não podemos realmente fazer isso, a menos que olhemos além das fronteiras e dos compartimentos de disciplinas singulares e maneiras singulares de pensar sobre a realidade.

Uma das melhores maneiras de fazer isso é adicionar um caos à maneira como lemos, ou como absorvemos o conhecimento, ou como aprendemos em geral. Em vez de ler algo de maneira linear, como um currículo com ordem e uma estrutura rígida, estaríamos melhor se misturássemos e combinássemos partes de uma fonte de conhecimento, ou um livro, com outra em algum ponto intermediário.

Quando eu pessoalmente leio, frequentemente leio três a cinco livros ao mesmo tempo, pulando de um para outro e depois voltando. Às vezes, termino um livro em algumas horas. Outras vezes, voltarei a ele, lentamente, ao longo de meses, enquanto comprimo muitos outros no meio. A falta de lógica rígida para esse processo significa que me abro à serendipidade da conexão. E a conexão significa que diferentes idéias que não interagem de outra maneira podem marinar juntas, ajudando a tornar meu conhecimento dinâmico.

As pessoas costumam pensar que há algo único em pensar como um polímata, mas a verdade é que todos nós já fazemos isso intuitivamente. É que aprendemos lentamente a esconder a sabedoria desse aprendizado intuitivo com a rigidez dos sistemas que fazem compartimentos rígidos.

O pensamento é moldado tanto pela maneira como é feito quanto pelo motivo pelo qual é feito e para o que é feito. E como isso é feito pode ser influenciado de maneiras importantes - pela maneira como lemos, como aprendemos e como fazemos novas conexões.



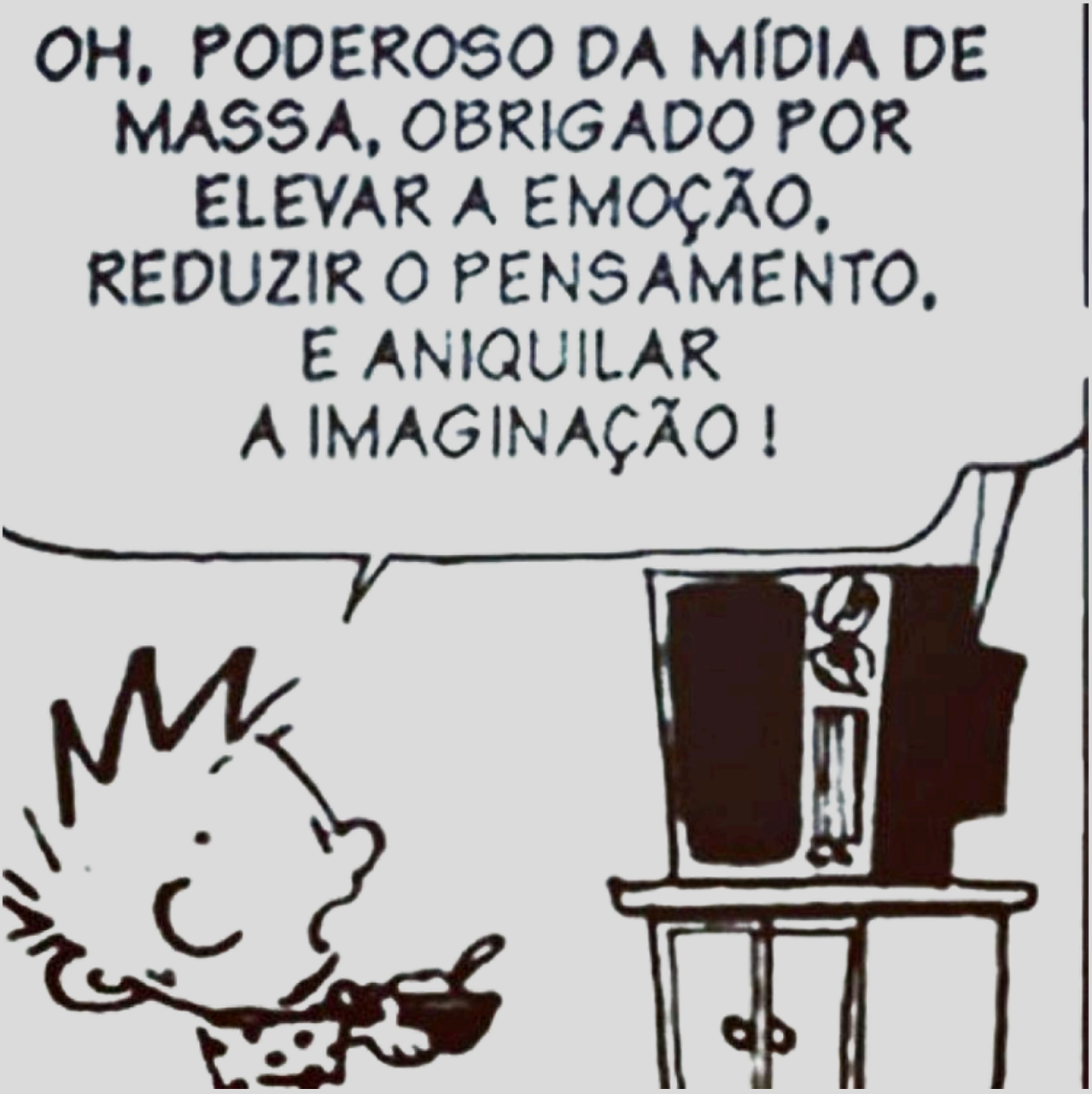
#ALEATORIEDADES

BILL GATES É DO BEM; BILL GATES É DO MAL...

Bill Gates é do bem; Bill Gates é do mal.
Bill Gates era um crápula que virou altruísta.
Bill Gates é um altruista que se fez de crápula.
Bill Gates é fruto do dinheiro; Bill Gates é fruto de um momento histórico. Bill Gates é o exemplo do que de pior existe no capitalismo.
Bill Gates é o exemplo do que de melhor existe no capitalismo,
Bill Gates levou o capitalismo a uma condição tóxica irremediável,
Bill Gates mostrou que o capitalismo é o melhor para distribuir riqueza, Prefiro o Jobs.
Prefiro o Gates.
Bill Gates, exemplo de opressão do macho branco.
Bill Gates, exemplo de gênio do macho branco.
No lugar do Bill Gates eu faria tudo diferente.
No lugar do Bill Gates eu faria tudo igual.
No lugar do Bill Gates eu não sei o que eu faria.
Não existiria Microsoft sem Bill Gates.
Não existiria Bill Gates sem Microsoft.
Wall Street justificou Bill Gates existir.
Tudo o que Bill Gates fez já justifica a existência de Wall Street.
Bill Gates é só um homem, logo vai ser esquecido.
Bill Gates é mais que um símbolo, nunca vai ser esquecido.
Escolha sua narrativa. Ou construa a sua, tanto faz.
Isso é ser #Sapiens.



#PINGOS DE CULTURA



Elke Batista se junta a Pablo Marçal pra virar coach. A tal da professora Cibelly é conduzida a ícone da educação misturando seus vídeos pornograficos do Onlyfans e dancinhas sensuais do Tiktok com aulas de inglês para adolescentes em sua escola e vira influencer de milhões com pais aplaudindo.

O YouTube está forrado de vídeos que “provam” que a teoria do Big Bang foi desmentida pelas imagens do James Webb.

E estamos em uma quarta-feira do final de setembro ainda.
Abaixo a cabeça e choro.

#PENSAMENTOS MAIS DENSOS



BRIGA NO ESCRITÓRIO OU QUANDO VOCÊ É HUMANO DE VERDADE

Já protagonizei bate-bocas homéricos no trabalho - hoje me envergonho de alguns deles, mas não de todos. E na minha jornada de conhecimento, fui atrás de tentar entender essa questão de impaciência e intolerância no ambiente de trabalho e suas raízes.

Deixando de lado o blah blah blah de gente do "bem" (que não entende nada de natureza humana), eu queria saber porque e como um idiota trabalhando a meu lado, que a priori não representa perigo algum, podia me deixar às vezes tão nervosa, reagindo tão mal. Igual à fúria insana pra matar um pernilongo.

Algumas teorias, apoiadas por vários de pesquisadores e cientistas, apontam que nós, como espécie, precisamos na verdade desses montes de medo e ódio. O motivo? Temos usado com sucesso essas emoções e suas conseqüências desde que o nosso modelo de evolução disse que dava certo. Programados para viver em grupos de até 150 indivíduos (o famoso número de Dunbar), nossas tribos Sapiens usaram:

A) o medo para detectar potenciais competidores; estados de alerta constantes estão impressos em nossa psique após alguns milhões de anos e coleguinhas caçados pro jantar;

B) o ódio para justificar e fortalecer a agressão a outras tribos. A espécie primata mais aparentada conosco, os chimpanzés, são declaradamente a segunda espécie símia mais violenta que há. Tortura, morte, agressão grupal, intimidação dos jovens em relação aos mais velhos, batalhas ferocíssimas são moeda corrente nas armas que a evolução dotou a eles.

Voltando aos tataravôs, e diferentemente de nós, os homens e mulheres de antes nunca tentaram, quiseram ou precisaram foi lutar contra a forte tendência interna de repelir o “outro” que não pertence a “nós”.

A cooperação estabelecia os limites claros e sua obrigação social começava e terminava com seu clã, aquele com o qual sua dependência de vida ou morte estava atada. Romper com o clã e sua estrutura podia significar a morte, a menos que você fosse dotado das ferramentas necessárias para iniciar o seu próprio - startups mais raiz que isso, impossível.

Com a vinda da Revolução Cognitiva e Agrícola, crescemos em número e tecnologia; eram necessárias mais pessoas para cooperar à medida em que as coisas ficaram mais complexas. Tribos foram juntas em unidades maiores, tipo um grande We Work; e a cultura surgiu como forma de fazer diferentes tribos reconhecerem conceitos comuns (olha a cooperação aíí́, gente). Guerras seguiram acontecendo e confrontos idem - basicamente por fontes de recursos, mas a escala foi se agigantando. Não mais clãs nem tribos, mas ajuntamentos maiores - cidades e estados.

Até agora, meados do século XXI, cultura e desenvolvimento estão nos fazendo ampliar o conceito de “nós”; nós somos latinos, ou europeus, vários gêneros, de religiões diversas, ideologias distintas e por aí vai. Todos nós temos várias identidades (inclusive as de business, ué, chefes de uns, subordinados de outro, donos do projeto, cobradores de outro) que convivem e conflitam em um mesmo momento. E onde elas se encontram.. adivinha... nas salas de reunião da firma.... Nesse momento temos que decidir rapidamente em qual sub-tribo estamos inseridos, remapear as lealdades e jogar nossa confiança. Mas não necessariamente a Cris do marketing fez a mesma leitura; e do ponto de vista límbico, estamos com nosso cérebro mais reptliano gritando enlouquecidamente que estamos em perigo. E nessa hora quem você acha que vem correndo responder? Nossa amiga, a violência e suas manifestações - raiva, impaciência, asco.

Suspirando, e tentando por as coisas sob controle, nos lembramos que não estamos realmente ameaçados, é só a reunião de planejamento anual da empresa. Mas, em termos de História, isso não é nada: apenas 200 anos de desenvolvimento da sociedade liberal com conceitos de liberdade, igualdade, direitos humanos, contra alguns milhões de anos de adaptação natural a outras circunstâncias. É extremamente difícil fazer um desvio mental para algo que fomos biologicamente formados para saber e que funcionou culturalmente durantes uns milhõezinhos de anos aí.

Mas a Natureza é sábia. Tendo bilhões de anos pra errar e acertar cegamente, ficou patente que a violência quando deixada por si só arrasa com tudo e conflita com o único imperativo universal, que é a reprodução. E fomos dotados então do seu contraponto, a ética, tão necessária quanto a violência para atender à demanda de cooperação da tribo. Sendo bons, fiéis, confiáveis, cuidando dos filhos, idosos e frágeis, conquistamos a confiança dos nossos pares e nos sentimos como parte de uma comunidade forte. Nascemos naturalmente com esses recursos e os ajustamos ao nosso ambiente. Ou seja, ser bom também é resposta de DNA.

Então o ponto é: hoje, sabendo dos imperativos biológicos que nos cercam, como definimos nossas lealdades e ferramentas usáveis em cada ocasião? Nós pertencemos a diferentes tipos de tribos ao mesmo tempo (família, trabalho, gênero, times de futebol, países, escolhas políticas, etc.). Às vezes, as tribos podem refletir opiniões opostas sobre um mesmo assunto, e todas tentam proteger seus participantes. O que define nossas escolhas e como agimos quando elas estão em conflito dentro de nós?

Eu grito com o síndico, mas me entendo com o cara do suporte de rede da firma?
Quando Pavlov condicionou seus cães, abriu a possibilidade de estendermos isso aos humanos, através do behavorismo. Talvez não seja cômodo pensar assim, pois nos traz a aflitiva e verdadeira impressão que não somos realmente donos de nossa vontade e escolha. Mas a cultura imposta tem traços inegáveis desse modus operandi.

O problema é grande. Briga de escritório tende a reproduzir o contexto tribal de ambiente sem os laços de comunidade bem firmes (mas com direito a fofoca, outra resposta da evolução - explico em outro post). O que devemos fazer nesta situação?

Alguns podem dizer: é preciso negociar para encontrar um acordo mínimo - e essa é a coisa certa a fazer, os humanos são bons nisso. E isso também pode levar muito tempo. Pode-se delegar o acordo a uma terceira pessoa, mas se a resposta tarda ou for muito complexa, alguém vai sair arranhado. Se a decisão errada for tomada ou demorar, há muita chance de que um ódio imortal tenha nascido entre aquelas pessoas. Isso está acontecendo em vários co-workings de São Paulo, nesse momento.

Talvez usando a cultura para apoiar os esforços dos acordos, criando algo próximo a um pouco de intimidade? Talvez aplicando a capacidade de ver o "outro" como nós. Empatia. Mas....

Pense sobre isso: como fazer uma conexão emocional em uma empresa com 150.000.000 outros colegas, a fim de transformar o "outro" em "nós" por empatia, para que possamos entender os seus pontos de vista, independentemente das diferenças? Você empatiza com alguns, jamais com todos. Empatia tem também um traço genético primário, define alguns graus irreversíveis.

Nosso sistema emocional, aquele que é responsável por nossas respostas, foi construído para responder às circunstâncias dos savanas. Agora os desafios são totalmente diferentes e podemos não ter as ferramentas para enfrentá-lo. Você não pode ensinar alguém a fazer sacrifícios por alguém ou tribo ao qual ele não se sente pertencente. Você pode ensinar tolerância, mas a tolerância não é o que resolverá a situação. A tolerância é apenas o primeiro passo.

A empatia leva tempo, porque até agora é uma auto jornada. Pode-se desenvolvê-lo ou não, mas não será transmitido para a próxima geração em nossos genes. Nossos filhos também terão que lutar com isso, individualmente. Claro que é absolutamente necessário ensiná-los. Mas isso provavelmente não acelerará o processo ao ponto de transformar bilhões de comportamentos humanos a tempo.

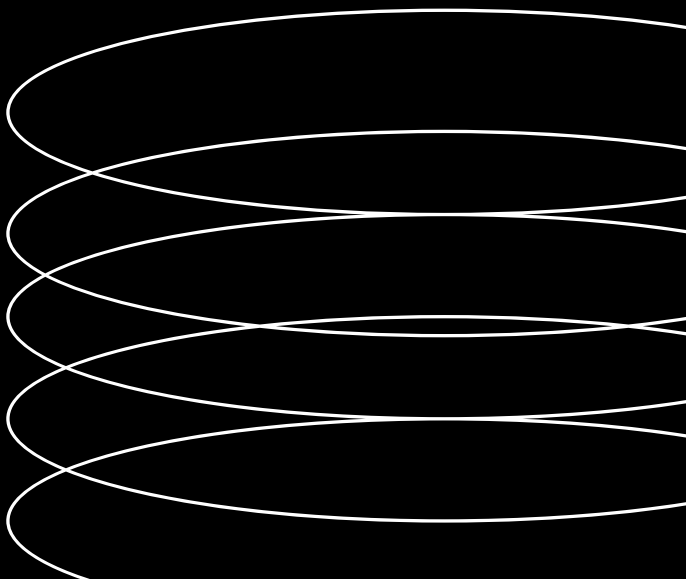
Talvez mais do que empatia, que é mais difícil de desenvolver pela força / imposição (emoções), devemos pedir uma abordagem racional? Talvez como encontrar um inimigo comum como o Mauro, da contabilidade? . Uma grande ameaça que nos força a cooperar em grande escala? Neste caso, o risco é que não aprendamos a cooperar antes de um desastre e irmos um, ou os dois briguentos, pra rua.

Eu não tenho a resposta. Tenho a tendência de pensar que não podemos descartar a importância da cultura - pelo menos porque provou ser o melhor caminho, junto com o crescimento econômico, para diminuir a pobreza e a desigualdade. Meu ponto é: teremos tempo suficiente para manter esse caminho de aprendizado ou nosso viés inerente nos manterá no tracking atual?

Não estou acreditando em nenhum fim distópico pra discussão na empresa - exceto talvez a reunião do condomínio, essa é o fim do mundo personificado e merecia acabar ontem.

Eu só acho que, a partir de agora, a única maneira de resolver nossos problemas comuns é o autodesenvolvimento de uma consciência ampla e profunda das limitações de cada um. Junto com um bom conhecimento psicobiológico. Isso vai trazer Humildade - que é o melhor esfriador de cabeça que existe.

Pelo menos foi assim que no final eu consegui fazer as pazes com a Edilene, de gestão de contratos. ;)



#ALEATORIEDADES

Eadem sed aliter

O MESMO, DE OUTRA MANEIRA.

Essa máxima latina, belíssima e de uma profundidade única, é a representação de 2020, É a sequência das estações, dormir e acordar, amanheceres e anoiteceres.

Tudo ocorre igual mas está tudo diferente de alguma maneira.

Chega a doer como a mudança pode ser igual e o igual, diferente.



Ando bem de até as tampas de ver post reclamando dos bilionários desse mundo. Da injustiça. Da desigualdade.

Do Bill Gates. Do Musk. Do Bezos.

Afff....

Começo com Hobbes - em 1651 um dos maiores filósofos da língua inglesa, analisando a natureza humana em detalhes. No Leviatã (só a base do direito de Estado e da igualdade que a moçadinha bate o pezinho exigindo) ele ia explicando:

> “A frugalidade (embora nos pobres seja uma virtude) torna os homens incapazes de levar a cabo as ações que precisam da força de muitos homens ao mesmo tempo. Porque ela enfraquece seu esforço, que deve ser alimentado e revigorado pela recompensa."

Vivemos em um mundo onde só há os bilionários que há por causa da abundância e não o contrário. Tirem os bilionários de cena e em dois palitos o mundo da escassez volta, isso é liquido e claro.

Para resolver o problema de 10 bilhões de humanos para alimentar, educar e criar pra virar mais 20 bilhões de pessoas - sabe-se lá pra que precisamos de tanta gente - Só com um amontoado FOCADO de muitos recursos. Deles, que tem em sobra!

Tem que ter muito bilionário no mundo sim; isso é sinal que ainda estamos em abundância e podemos lutar para que todos sobrevivam, Os 10B de agora e os 20B que ainda querem trazer.

#PENSAMENTOS MAIS DENSOS



EMBRIÕES HÍBRIDOS HUMANO-ANIMAIS: ABRIMOS A CAIXA DE PANDORA?

Nesta semana, duas notícias de tirar o fôlego, mesmo dos mais antenados, foram alvo de intenso debate na mídia e nas conversas.

Uma equipe multinacional do Instituto Salk, americano e da UCAM na Espanha liderada pelo cientista espanhol Juan Carlos Izpisúa conseguiu criar pela primeira vez uma quimera – um ser híbrido – entre humano e macaco num laboratório da China, dando um importante passo para transformar animais de outras espécies em fábricas de órgãos para transplantes. Em paralelo, o persistente biólogo de células-tronco Hiromitsu Nakauchi finalmente recebeu a aprovação de um governo disposto a bancar um dos estudos científicos mais controversos que existe: experimentos com embriões de humanos e animais.

Em março deste ano, aliás, o governo japonês já havia derrubado a "linha vermelha", lei que proibia esse tipo de experimentos para além do 14º dia de gestação e que também vetava a transferência de embriões para o útero de uma fêmea animal, de acordo com a revista científica Nature. Essa proibição visava, em teoria, que as gestações hibridas fosse levadas a cabo e que o sistema nervoso humano central começasse a se desenvolver (o que acontece a partir da segunda semana pós-fecundação).

Em ambos casos, as declarações procuram deixar claro para nós, leigos mortais, os fins a que se propõem, curativos e restauradores, bem como a ainda teórica distância até resultados concretos - falamos ainda de pesquisas que estão nos primeiros estágios de observação e coleta de dados. Mas as quimeras estão aí, chegaram pra ficar e não irão embora mais (lembrando que a χίμαιρα original grega era um híbrido de cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente).

As implicações políticas.

Um ponto interessantíssimo: tanto a equipe americana quanto a espanhola deixam claríssimo que a opção pela China se dá por conta da desregulamentação rígida a esse respeito.

Enquanto cientistas americanos e europeus são amordaçados em pesquisas nesse sentido, acossados parte por ativismo ignorante civil, questões éticas, fúria regulatória e lobbies farmacêuticos, o capitalismo de Estado chinês e sua ditadura passam olimpicamente por essas questões, oferecendo um ambiente com recursos e poucos questionamentos. Obviamente a contra-partida é a imediata transferência de todo o conhecimento para a academia e indústria chinesas, que sabiamente vão se transformando nos soberanos inquestionáveis nesse campo da evolução.

Ao Japão, se não quiser ser engolido pelo milenar rival político, só resta enfiar o pé no acelerador mais rapidamente ainda, o que explica a opção por bancar politicamente a briga ética. Sem opções, americanos, canadenses e europeus rezam por alguma milagrosa mudança que os reconduza à liderança perdida ou ficarão de camarote, não mais no centro do mundo -como tudo que envolve vida mais longa e saudável, a marcha humana será simplesmente imparável.

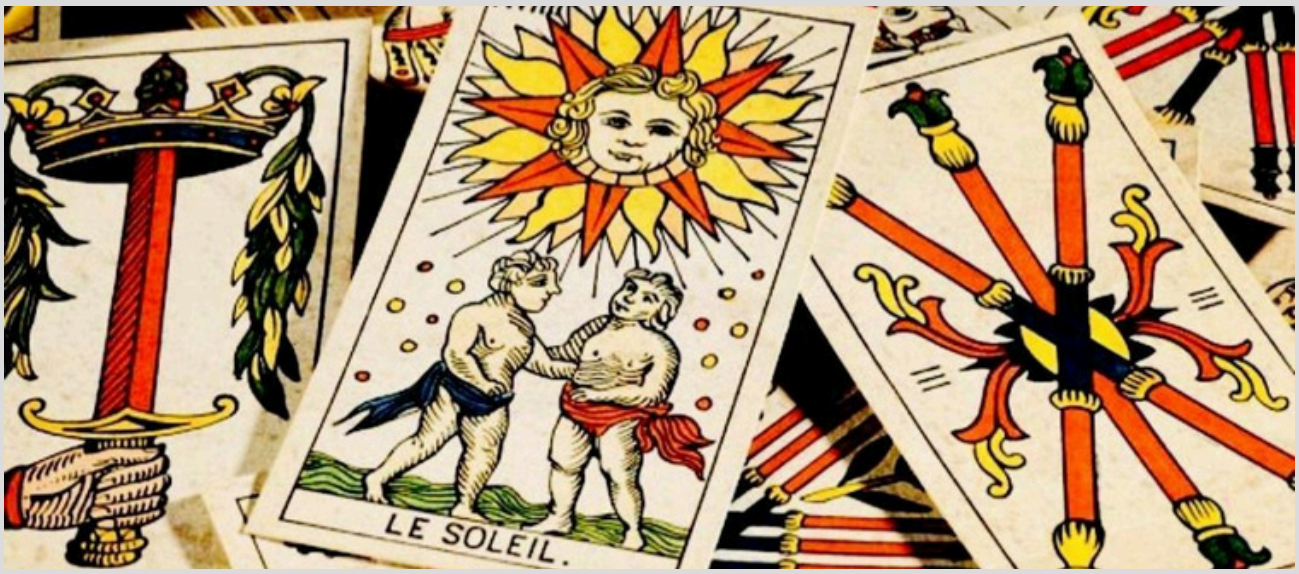
E os latinos? Hummm... não me faça rir. Nosso papel (tirando por enquanto algumas honrosas exceções baseadas no esforço individual) será ou de críticos invejosos disfarçados de éticos ou de consumidores alucinados - se ricos o suficiente.

E a ética: sempre mais perguntas que respostas

Não queria ser um animal de laboratório. Jamais. O sofrimento que inúmeras gerações de camundongos, porcos e chimpanzés passarão até que este conhecimento seja dominada será excruciante, dói o coração de pensar. Não sei como pensar ou agir em relação a isso, exceto numa covarde e silenciosa concordância.

Explicitamente, um das questões espinhosas já foi posta na mesa pela equipe japonesa: Com o tempo precisaremos levar as gestações a termo.

#PINGOS DE CULTURA



O conhecimento arcano foi incorporado a um jogo de cartas, o tarô, lá por volta de 500 A.C. durante a invasão persa ao Egito, Dizem que foi um jovem aprendiz quem fez o transplante do conhecimento, colocando-o nos símbolos das cartas, Mas o que de verdade interessa nessa história é o o fato de porque ele escolheu por esse conhecimento em um jogo e não em outro papiro ou gravado nas pedras. Ele sabia que no ser humano existe uma permanência: a do vício (erro repetido), enquanto a virtude (a constância do acerto) é totalmente instável.

Era mais seguro para a sobrevivência do conhecimento apostar na ininterrupta capacidade humana de... buscar prazer? Desafiar? Errar? Acaso? De apostar contra o destino?

Essa história ou lenda, tanto faz, é uma mostra de como Somos complexos e de como devemos seguir assim, Essa história de ser legal e bonzinho é pra tolos. Os verdadeiros sábios parecem inclinar-se a entender como ambas partes se entrelaçam.

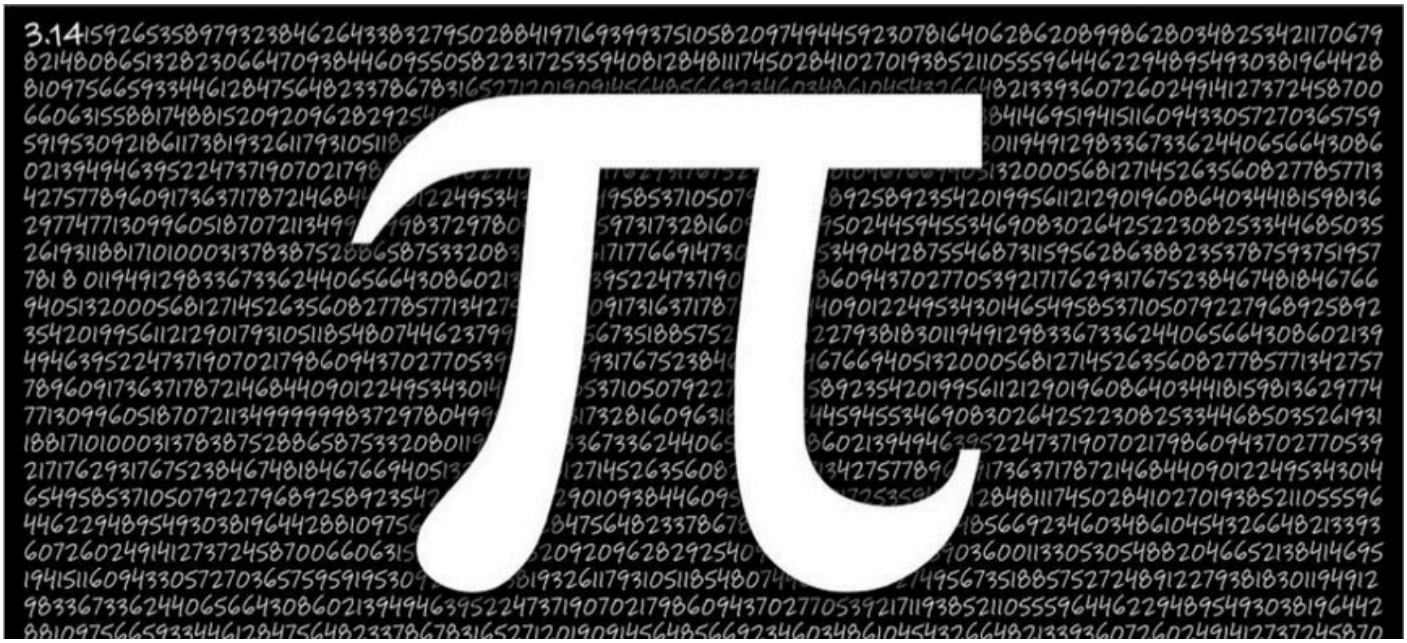
#ALEATORIEDADES



E SIM, DEVEMOS FALAR CORPORATIVAMENTE DE AMAR. DE NOVO, ALAIN DE BOTTON:

"Na filosofia, os antigos gregos ofereciam uma perspectiva bastante útil (e antiquada) sobre a relação entre amor e ensino. Para eles, o amor era um sentimento de admiração pelos melhores aspectos de outro ser humano, feliz de estar frente a frente com características virtuosas, Aprofundar amor era sempre de envolver o desejo de ensinar e aprender maneiras de se tornar mais virtuoso; de ser menos reativo ou inflexível, mais curioso ou corajoso. Os amantes sinceros jamais se contentariam em aceitar um ao outro da forma como fossem, o que seria uma traição preguiçosa e covarde ao propósito dos relacionamentos, Ao olhar dos antigos gregos quando o ser amado chamasse a atenção para o que fosse lamentável ou incômodo no temperamento do parceiro, este não deveria considerar que o outro estaria abrindo mão do espírito do amor, ele deveria ser cumprimentado por tentar fazer algo de acordo com a essência do sentimento: ajudar o parceiro a se tornar uma versão melhor de si mesmo. Em um mundo mais evoluído, um pouco mais atento ao ideal grego do amor, talvez ... talvez soubéssemos ser um pouco menos desajeitados, assustados e agressivos na hora de apontar alguma coisa, e bem menos combativos e sensíveis ao receber um feedback.

O conceito de ensinamento em um relacionamento perderia, assim, uma parte de suas conotações desnecessariamente assustadoras e negativas. Entenderíamos que, em mãos responsáveis, ambos os projetos - ensinar e aprender, chamar a atenção e aceitar críticas estão de acordo com o verdadeiro proposito do amor, #pensamento



Sem especialização não vou ser ninguém?

Sim e não.

Polimatia não é sinônimo de dispersão e falta de foco nem a cura do TDAH.
Abrir mais de um campo de domínio e usar isso pra fazer a criatividade entrar em combustão dá um trabalho danado, Mas paradoxalmente acalma muito a ansiedade (depoimento de alguém bem louco, prazer, eu).

É um alívio estar AUTORIZADO a exercer a felicidade de alternância de Jornadas de conhecimento, sem a pressão maluca por especialização.

Mas essa frase só serve, paradoxalmente, para DEPOIS que você conhece muito sobre uma coisa.... Porque isso significa que você tem technné (produção com arte, numa tradução tosca) e que tem isso faz e se banca.

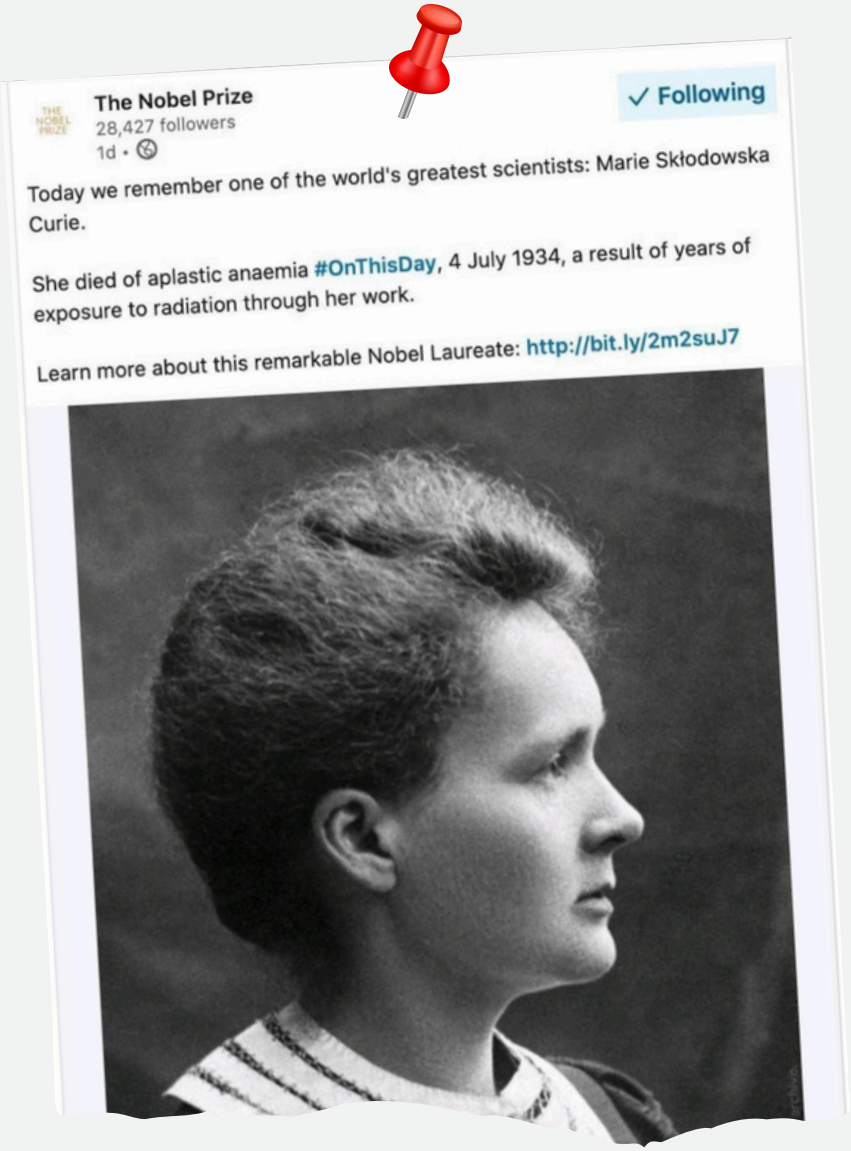
Agora, a vida não é e nem será só isso. Eficiência e produtividade nesse mundo pós-digital não é mais otimização e replicação infinitas empacotadas em infelicidade, Ah, mas isso é um sacrificio que vale a pena pelos benefícios, me dirão, Para 10 de nós, sim, mas e para os demais? As empresas não garantem nem a assistência médica - como vão garantir qualquer perenidade nesse contrato que pede sua alma?

Empresas são pessoas. São frágeis e mutáveis. Quanto mais rápido alguém aprende isso, mais rápido vira um polimata e prospera em um ambiente em constante mudança.

#MINUTOS DE POLIMATIA

QUER UM LINDO MOTIVO PARA COMEMORAR O 4 DE JULHO?

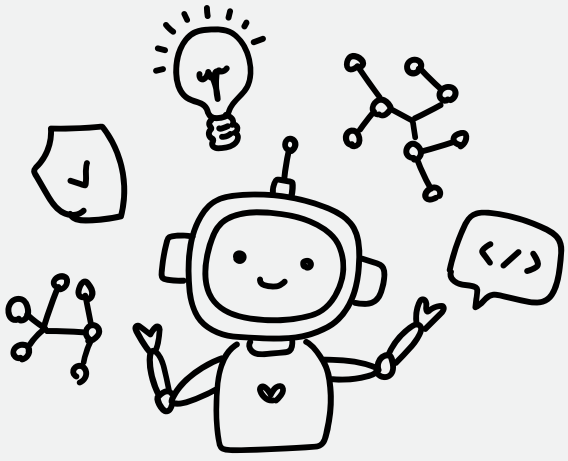
Lembre-se com um sorrisão de Marie Curie, uma mulher cuja vida merece ser celebrada de ponta a ponta, Estamos acostumados a associar o heroismo feminino à abnegação e renúncia da maternidade, que sim são lindas, mas que não são as únicas que uma mulher é capaz, pelo contrário. Se hoje é difícil, imagine quantas dificuldades uma mulher precisava enfrentar, no século XIX, para correr atrás dos seus sonhos.



Marie Sklodowska Curie foi uma pioneira, tanto por sua coragem e determinação, como por suas descobertas científicas, E foi reconhecida por isso, apesar de todos os preconceitos de uma sociedade machista e conservadora: ela não só foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel em Ciências.

Foi também a primeira pessoa a receber duas vezes essa condecoração.

E ela ainda nos brindou com sua filha, Irène Joliot-Curie, Inspirada pela mãe, Irène trabalhou com o marido, Frédéric Joliot, nos campos da estrutura do átomo e física nuclear, demonstrando a estrutura do nêutron e descobrindo a radioatividade artificial, feito este que rendeu mais um Prêmio Nobel para a família Curie.





Pergunte antes de morrer

Ficamos tempo demais presos, com medo. Fomos e somos incentivados a não correr riscos reais - a tal da cultura da inovação em muito é sobre isso.

A vida se apequenou? O medo da perda se traduziu em paralisia e paralisia é tudo menos vida. Essa semana está sendo de mortes meio estúpidas, e isso me trouxe uma sensação de urgência.

Tô achando que pensamos demais sobre pequenas e médias coisas, nos enrolamos na subjetividade além da conta. Tudo bem ter uma vida interior rica, riquíssima, mas coisas ruins acontecem do lado de fora e é quando a gente é pego de surpresa com partidas de todo o tipo, olha aquela oportunidade perdida com uma dor imensa. Sabe não ter ido nunca ao show do Skank antes da banda acabar? Largado tudo que era certo mas errado por um erro certo?

Só nessa hora fazemos a pergunta certa: por que diabos não perguntei pra você o que realmente queria saber?

Deve ser porque quando perguntamos qualquer coisa, a resposta que vem traz implícita a morte das outras respostas. E isso pode ser agoniante. A morte das outras respostas possíveis, aquelas que eu pelo menos sonhava em ter...

É engraçado como a vida é posta em movimento através da morte, não? De todas as possibilidades possíveis que uma pergunta traz, só uma sobrevive. O problema é quando a pergunta não é feita e uma coisa ruim acontece. Porque essa pergunta não feita e jamais respondida morre com TODAS as respostas possíveis juntas e isso é uma droga. Ficamos no terreno agônico do suspenso, atolados na incerteza mais bruta.

Essa droga eu não quero mais pra mim. Então segue a lista do que decidi saber de quem mora em mim:

- **Quer ir ver a Aurora Boreal?**
- **Vamos passear em um balão?**
- **Topa nadar com botos-cor-de-rosa?**
- **Bora morar num país de cultura não-cidental?**
- **E tentar passar uma semana meditando em um mosteiro, pra sermos expulsos juntos por bagunça?**
- **Você já fez amizade com uma pessoa excêntrica fora eu?**
- **Tem coragem de trocar um emprego estável por um que pague menos e empobrecer juntos?**
- **Já montou um elefante?**
- **E ficou uma semana sem tomar banho?**
- **Vc desmaia se doar sangue?**
- **Vamos acampar em um lugar deserto (deserto mesmo)?**
- **Conseguiria ir a um velório de um desafeto sem ódio?**
- **Topa me beijar numa roda gigante?**
- **Aliás, topa me beijar?**
- **Vamos escalar um vulcão?**
- **E tomar um porre com uns irlandeses?**
- **Vamos comer em um restaurante seis estrelas depois de andar de jet-ski mesmo estando quebrados?**
- **Me desafia no Candy Crush?**

Obs: Tchau Rita Lee e Davi Miranda. Que vocês tenham sido alvos de muitas, muitas perguntas de quem lhes amou.

Continua...